

--	--	--

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FAGED
CURSO DE JORNALISMO

PEDRO VITOR ALVES

**EFEITO DA ESPIRAL DO SILENCIO NA SÉRIE *13 REASONS WHY* PARA A
TEMATIZAÇÃO DO SUICÍDIO NO JORNALISMO BRASILEIRO**

UBERLÂNDIA

2018

--	--	--

--	--	--

PEDRO VITOR ALVES

**EFEITO DA ESPIRAL DO SILENCIO NA SÉRIE *13 REASONS WHY* PARA A
TEMATIZAÇÃO DO SUICÍDIO NO JORNALISMO BRASILEIRO**

Monografia apresentada na disciplina de Pesquisa em Comunicação II do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientação: Profa. Dra. Ivanise Hilbig de Andrade

UBERLÂNDIA

2018

--	--	--

--	--	--

PEDRO VITOR ALVES

**EFEITO DA ESPIRAL DO SILENCIO NA SÉRIE *13 REASONS WHY* PARA A
TEMATIZAÇÃO DO SUICÍDIO NO JORNALISMO BRASILEIRO**

Monografia apresentada na disciplina de Pesquisa em Comunicação II do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientação: Profa. Dra. Ivanise Hilbig de Andrade

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Ivanise Hilbig de Andrade.– FAGED/UFU (Orientadora)

Prof. Dr. Nilson Netto Berenchtein – IP/UFU (Examinador)

Prof. Dr. Vinícius Durval Dorne – FAGED/UFU (Examinador)

Uberlândia, 10 de dezembro de 2018

--	--	--

--	--	--

ALVES, Pedro Vitor. **EFEITO DA ESPIRAL DO SILENCIO NA SÉRIE *13 REASONS WHY* PARA A TEMATIZAÇÃO DO SUICÍDIO NO JORNALISMO BRASILEIRO.** 2018. 60p.. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia 2018

RESUMO

Este trabalho de pesquisa usa a Análise de Discurso para estudar *13 Reasons Why* destacando a espiral do silêncio que envolve os temas tabus contidos no enredo da série, considerando o contexto social de produtos audiovisuais. Além de compreender, por meio da Análise de Discurso, como *13 Reasons Why* impulsionou o debate sobre o suicídio (e outros temas tabus) por meio da tematização em textos jornalísticos publicados em veículos de comunicação da internet.

Palavras-chave: *13 Reasons Why*; espiral do silêncio; agendamento; suicídio; jornalismo.

--	--	--

--	--	--

ALVES, Pedro Vitor. **EFEITO DA ESPIRAL DO SILENCIO NA SÉRIE *13 REASONS WHY* PARA A TEMATIZAÇÃO DO SUICÍDIO NO JORNALISMO BRASILEIRO.** 2018. 81p.. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia 2018

ABSTRACT

This research work is about the importance of audiovisual products for the evolution of society and understand the social context represented in 13 Reasons Why, in a situation of silencing, and how the series boosted the debate on suicide (and other taboo subjects) by media in the media. The study analyzed the 13 Reasons Why series highlighting the spiral of silence surrounding the taboo themes, focusing on what suicide involves within the context of the series, and how that context made the series gain importance in the journalistic setting.

Keywords: 13 Reasons Why; spiral of silence; agenda setting; suicide; journalism.

--	--	--

--	--	--

AGRADECIMENTOS

O trabalho ter sido desenvolvido e entregue já é motivo de agradecimento. Todo apoio, amor e amizade refletem no esforço de tentar reproduzir em uma monografia a vasta visão de mundo que a vida me proporciona. À minha mãe, sou grato pela vida e pela oportunidade de ser filho de uma mulher que representa a força e a coragem de enfrentar barreiras para encontrar oportunidades para seus filhos. Mãe, muito obrigado por ter sido tão maravilhosa e ter lutado para eu ter este espaço.

Agradeço também a minha família, pelo amor e o acolhimento que fazem me sentir seguro para enfrentar as diversas dificuldades do início da vida adulta. Principalmente, meu irmão e meu pai que possuem papéis fundamentais nas escolhas que faço. À minha orientadora, agradeço pela paciência, pelas explicações, pelo tempo e pela amizade. Ivanise, sou muito grato por ter aceitado esse desafio comigo, e sei que você me influenciou a compreender melhor o mundo.

Aos meus amigos, eu declaro um grande “obrigado” por passarem comigo momentos muito importantes e enriquecedores da minha vida, e por ajudarem a elaborar discussões que permeiam pela minha análise. Os apoios de vocês significam a vontade que tenho em evoluir e explorar mais a vida.

--	--	--

--	--	--

ANEXO

ANEXO A - Por que 13 Reasons Why é uma série irresponsável.....	45
ANEXO B - 14 coisas que os voluntários do CVV gostariam de te dizer	48
ANEXO C - Universidade barra atletas bolsistas que já cometeram assédio sexual.....	53
ANEXO D - Médicos se preocupam com retrato de suicídio em série da Netflix.....	54
ANEXO E – Série da Netflix aborda muito mais do que suicídio.....	58

--	--	--

--	--	--

APÊNDICE

APÊNDICE A - Episódio 1.....61

APÊNDICE B - Episódio 9.....63

APÊNDICE C - Episódio 12.....65

APÊNDICE D - Episódio 13.....67

--	--	--

--	--	--

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 A RELAÇÃO DA FICÇÃO COM A REALIDADE.....	9
2.1 Série e Netflix: a relação do audiovisual com a sociedade.....	9
2.2 <i>13 Reasons Why</i> : Tabus e a Audiência.....	13
2.3 Efeito Wether	14
2.4 Os motivos da Netflix.....	16
3 DO SILÊNCIO AO DEBATE	18
3.1 Espiral do silêncio em <i>13 Reasons Why</i>	18
3.2 A tematização pelo jornalismo.....	19
3.3 Análise de Discurso enquanto método	22
3.4 Procedimentos metodológicos.....	23
4 ANÁLISE.....	26
4.1 Original Netflix.....	26
4.1.1 Fita 1, Lado A.....	27
4.1.2 Fita 5, Lado A.....	28
4.1.3 Fita 6, Lado B.....	30
4.1.4 Fita 7, Lado B.....	32
4.2 Tematização e agendamento nas matérias jornalísticas.....	34
4.2.1 Trip.....	35
4.2.2 Buzzfeed.....	36
4.2.3 Estadão.....	37
4.2.4 Folha de S. Paulo.....	37
4.2.5 Aliás.....	39
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS.....	42

--	--	--

--	--	--

1 INTRODUÇÃO

De acordo com a história da produção audiovisual (HAGEMEYER, 2012), o cinema, a televisão e agora a internet, com plataformas *streaming* como a Netflix, são reforçadores de tendência na sociedade possuindo força política e comportamental. O poder que os grandes produtores de conteúdo audiovisual têm em gerar discussões na sociedade é comprovada pelo trabalho jornalístico na tematização e no agendamento de temas que são apresentados em séries, filmes entre outros produtos audiovisuais.

Netflix foi a primeira empresa que oferece o serviço *streaming* a disponibilizar uma grade de filmes e séries para espectadores, em que estes poderiam escolher o melhor horário e lugar para se entreter (ARSTECHNICA, 2007). Netflix também foi pioneira no serviço *on-demand* a produzir materiais próprios, como filmes, séries e programas (ARSTECHNICA, 2007).

13 Reasons Why, série da Netflix lançada em 31 de março de 2017, retrata a história de uma adolescente que comete suicídio após ser vítima de *bullying*, assédio moral, psicológico e sexual e estupro. A jovem é a protagonista Hannah Baker.

Na realidade, o suicídio é a segunda maior causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos (OMS 2016) e a Netflix decidiu por colocar os temas tabus na série que mostra explicitamente o ato suicida, abusos sexuais e o *bullying*. Por causa da representatividade, muitos se identificaram e se expressaram via redes sociais, não à toa, o streaming procura investir em conteúdo que terão repercussão nos meios sociais (XAVIER, 2017).

No primeiro episódio de *13 Reasons Why*, o espectador sabe que Hannah cometeu suicídio. A partir disso, a narrativa mostra a protagonista explicando por meio de fitas gravadas por ela, os motivos pelos quais tomou essa decisão de se matar. Nesse contexto, cada fita é direcionada para um personagem da série.

O interesse em *13 Reasons Why* surgiu quando a Netflix declarou que a atriz e cantora Selena Gomez faria parte do projeto (PEREIRA 2017). A mesma acabou não atuando na série, mas é produtora-executiva. Conhecida pelos papéis *teens*, Selena Gomez me fez pensar como o suicídio, assunto tão sensível, seria tratado em um produto audiovisual produzido por uma empresa tão relevante atualmente como a Netflix.

Desde o início dos boatos sobre a série inspirada em um *best-seller* com a Selena Gomez, a série passou pela minha cabeça (PEREIRA 2017). A atriz e cantora atuou em séries e filmes destinados ao público infanto-juvenil, os enredos das interpretações de Selena eram em

--	--	--

--	--	--

produções de comédia-romântica com linguagem simples, de acordo com o público. Produções assim marcaram a última década, *Mean Girls*, *The Duff*, *Easy A*, *Skins* são filmes e séries que fazem parte do universo jovem dos últimos anos. Estes abordam a adolescência de forma até mais madura, como em *13 Reasons Why* e diferentes dos trabalhos audiovisuais feitos por Selena Gomez na última década. A curiosidade em assistir a série para saber como ficou surgiu a partir desses pensamentos.

O lançamento da série gerou um grande debate nas redes sociais, nas universidades, em casa. *13 Reasons Why* foi assunto para muitas conversas. Comecei a falar mais sobre suicídio, ler mais sobre o tema, me preocupar mais com saúde mental. Não só porque assisti a série, mas o tema suicídio estava presente nas páginas jornalísticas que acesso pela internet, nos programas e jornais de televisão, até em música lançada depois da série sobre o tema suicídio: “1-800-273-8255” do Rapper Logic com a participação da Alessia Cara e Khalid. Um assunto que considerei delicado por muito tempo; ganhou espaço para discussão.

A temática da monografia é compreender a relação entre os temas tabus tratados em *13 Reasons Why*, com a tematização jornalística feita sobre os temas no jornalismo brasileiro. Cabe ressaltar que a definição da tematização se refere ao processo de seleção e escolha de temas para se transformar em notícia, que permeia na análise deste trabalho.

O objetivo do trabalho é analisar como o silenciamento sobre o suicídio e outros temas tabus construídos na narrativa da série *13 Reasons Why* impactou na tematização desses temas e da própria série, no jornalismo brasileiro

O estudo pretende relacionar a discussão de temas tabus tratados no produto de grande recepção no formato de entretenimento seriado, com a tematização jornalística feita sobre estes temas, levando em consideração a importância e o contexto histórico de produtos audiovisuais. Para isso será feito a análise sobre a construção de temas considerados tabus, como o suicídio, na série *13 Reasons Why*, e a análise dos elementos da série que possuem o potencial de tematização no jornalismo brasileiro.

A monografia possui quatro capítulos. No capítulo “A relação da ficção com a realidade”, é feita a contextualização sobre a relevância de produtos audiovisuais para a sociedade, a evolução do entretenimento seriado, o surgimento da Netflix, e a relação entre o tema suicídio e a mídia.

--	--	--

--	--	--

No capítulo que vem a seguir, intitulado “Do silêncio ao debate”, são explorados os aspectos teóricos sobre; a espiral do silêncio em *13 Reasons Why*, a tematização e agendamento pelo jornalismo, e o método para a Análise de Discurso.

O capítulo “Análise” é o espaço que empregamos a Análise de Discurso. A pesquisa relaciona os temas tabus tratados em *13 Reasons Why*, produto no formato de entretenimento seriado de grande alcance, com a tematização jornalística feita sobre os temas. A análise é dividida entre: “Original Netflix”, parte que analisa o discurso de Hannah empregado nas gravações das fitas de quatro episódios, considerados os que possuem as cenas que chamam mais atenção no enredo da série. E “Tematização e agendamento nas matérias jornalísticas”, que discorre sobre a tematização e o agendamento de *13 Reasons Why* e os temas tabus nas matérias jornalísticas.

“Considerações finais” reúne as conclusões obtidas a partir da análise, com a associação dos resultados com os conceitos levantados ao longo de toda a monografia. Além de responder a questão norteadora deste trabalho: “Como o silenciamento do suicídio e de temas tabus na série *13 Reasons Why* está relacionado com o processo de tematização do assunto pelo jornalismo brasileiro?”.

--	--	--

--	--	--

2 A RELAÇÃO DA FICÇÃO COM A REALIDADE

O estudo pretende relacionar a discussão de temas tabus tratados em *13 Reasons Why*, produto de grande recepção no formato de entretenimento seriado, com a tematização jornalística feita sobre estes temas, levando em consideração a importância e o contexto histórico de produtos audiovisuais, séries, e as tecnologias que contribuem para o desenvolvimento de novas formas de consumo e produção.

2.1 Série e Netflix: a relação do audiovisual com a sociedade

Em *História & Audiovisual*, Hagemeyer (2012) discorre sobre a importância de produtos audiovisuais para evolução histórica e social da humanidade, desde o cinema até a televisão, e seus aspectos. De acordo com a obra, o audiovisual é um fator importante de grandes mudanças sociais no mundo. Os produtos de entretenimento surgiram a partir do cinema e da televisão, seja como plataforma, produtora de conteúdo ou os dois, os produtos evoluíram de acordo com a sociedade. “Cada um desses produtos possui sua própria história, que pode ser compreendida a partir do seu desenvolvimento técnico, das convenções de sua linguagem, das diferentes formas de exploração comercial e seu impacto social e histórico” (HAGEMEYER, 2012, p.09).

No final do século XX, a televisão e o cinema se consagraram como um referencial inspirador e reforçador de tendências que se manifestam na sociedade (HAGEMEYER, 2012). Os produtos audiovisuais ganharam força em sentido político e comportamental, principalmente após o acesso ilimitado de conteúdo, que os meios de comunicação e plataformas digitais fornecem ao público em geral. Os impactos tecnológicos nos meios de comunicação geram manifestações de nostalgia diante do mundo e está, sempre, em transformação (HAGEMEYER, 2012).

O entretenimento seriado surgiu em advento da difusão dos televisores nos Estados Unidos, quando grandes redes radiofônicas, como NBC, CBS e ABC, tornaram-se distribuidores de programas televisivos, transformando enredos radiofônicos dramáticos ou cômicos conhecidos como *soap-operas* em séries de TV, tal fenômeno aconteceu em meados de 1950, de acordo com Esquenazi (2010).

Neste sentido, séries são narrativas que se inserem no interior do tempo crônico de uma comunidade, ilustrando e esclarecendo frequentemente a evolução dos seus membros, adotando o tempo da vida comum, ainda que na maioria dos casos, os episódios sejam narrados por acontecimentos marcantes, (ESQUENAZI, 2010).

--	--	--

--	--	--

Segundo Arlindo Machado (2000) são três tipos básicos de entretenimento seriado com relação ao formato televisivo. O primeiro tipo sugere que existem narrativas paralelas e entrelaçadas (ou apenas uma narrativa) que se transcorre mais ou menos linearmente durante todos os episódios; neste caso, a série se resume fundamentalmente por um ou mais conflitos básicos que desestabilizaram a trama, e toda a evolução narrativa consiste em recuperar a estabilidade, geralmente isso acontece nos capítulos finais de cada temporada ou da série.

No segundo tipo, cada episódio possui uma história completa e independente, com começo, meio e fim. O que se repete nos próximos episódios são os personagens e o contexto histórico-social em que a narrativa está inserida. Em alguns casos, os personagens não se lembram do ocorrido nos episódios anteriores e não interferem nos posteriores. Esse tipo é comum em séries de desenhos animados.

A última modalidade descrita por Machado (2000) é quando a série em questão possui como ligação entre os episódios apenas o espírito geral da história, sendo que cada episódio possui história, personagens e até contextos diferentes.

O surgimento da Internet e o advento de novas tecnologias possibilitaram a criação de novas formas de consumo, e intensificaram o desenvolvimento do formato televisivo. Esta inovação soma os valores simbólicos sobre a experiência dos consumidores. De acordo com Silva (2014), todos esses valores fazem parte da chamada “cultura das séries”.

A cultura das séries se destaca dentro e fora dos padrões televisivos, que são narrativas com o enredo geralmente estruturado em episódios, e cada um desses episódios é exibido em um determinado dia e horário, sendo subdivididos em blocos menores para que ocorra propagandas (MACHADO, 2000).

O destaque existe por três condições. A primeira é denominada de “forma”, que está ligado aos modelos narrativos das séries, sejam eles tradicionais, clássicos, e suas reconfigurações, ou o desenvolvimento de novos modelos narrativos.

A circulação desses produtos, e principalmente o contexto tecnológico que a internet possibilitou, no que se diz sobre distribuição e circulação além do modelo tradicional televisivo, fazem parte da segunda condição (SILVA 2014).

A terceira condição diz respeito ao consumo desses programas, seja por fãs, pelo público gerado pela audiência televisiva, ou espaços noticiosos e críticos, vinculados ou não a veículos de comunicação, como grandes jornais ou revistas.

--	--	--

--	--	--

A arte de séries de formato televisivo, como aponta Silva (2014,) está além da linguagem e do investimento de produção, está sobretudo no texto, que deve ser capaz de atrair a atenção do público, em algum meio de exibição, seja pela televisão ou pela tela de computadores.

No contexto nacional, é importante ressaltar como a terceira condição se faz presente. Como argumenta Silva (2014), o modelo tradicional televisivo, sobretudo a novela global, ocupa a maioria dos domicílios brasileiros, em questão de audiência. Contudo, o aumento da presença de séries do repertório dos telespectadores brasileiros se desenvolveu mediante a internet e outros formatos digitais. A facilidade de acesso às obras, seja as produções atuais ou antigas, ampliou o modo de assistir os programas e também o número de pessoas que a série alcança, a digitalização desses produtos ocasionou tal fenômeno (Silva, 2014).

A Netflix e outros serviços *streaming* revolucionaram a forma como as pessoas podem assistir seus programas/filmes/séries/documentários favoritos (ARSTECHNICA, 2007). Ela foi pioneira ao ingressar nesse novo meio de produção e consumo de audiovisual. Em 2007, redefiniu e ofereceu um novo serviço: os assinantes podem assistir a mais de mil filmes e episódios de séries na tela do computador através do site, com a tecnologia streaming, que permite a transmissão instantânea de vídeos pela internet (ANDERSON, 2007).

O modelo tradicional de exibição de conteúdo, como novela e séries, na TV aberta possui influência do público, no qual o roteiro pode sofrer alterações, ou até ser cancelado, de acordo com o comportamento da audiência. A Netflix revolucionou essa forma de consumo, após esses materiais serem disponibilizados em sua plataforma,

Suas ferramentas permitem que todos os episódios de uma determinada temporada, ou todos os episódios já exibidos até o momento, estejam disponíveis por inteiro, para serem consumidas de imediato, sem interrupções (SANTOS, et al. 2015, p.5).

Este fator, o *on demand* (vídeo sob demanda), é o sistema que possibilita que os vídeos oferecidos por serviço *streaming* possam ser consumidos a qualquer momento, de acordo com a preferência de consumo do espectador, ao contrário da forma linear de assistir produtos audiovisuais na televisão, que possuíam uma programação pré-estabelecida.

Em 2011, a Netflix iniciou a produção de conteúdo original, anunciando a aquisição dos direitos de *House of Cards*. Após o lançamento, o sucesso da série foi grande, e a Netflix aumentou seu número de assinantes em 10 milhões em apenas dez meses (CARVALHO, 2014).

O pioneirismo da Netflix e a ascensão da internet, que disponibiliza o espaço para compartilhamentos de conteúdo, mesmo que ilegalmente, trouxe uma forma de consumo inédita,

--	--	--

--	--	--

além de novas formas de interação, espectadores podem interagir em suas redes sociais, comentando, compartilhando e curtindo postagens de divulgação de materiais produzidos pela empresa, ou até criando novas páginas com referências a esses produtos (SILVA, 2014). Esta interação dá força às suas produções e divulgações. Em 2017, a produção original Netflix mais comentada foi a série *13 Reasons Why* (OLHAR DIGITAL, 2017).

A internet é um novo passo para história do audiovisual. Revolucionária, ela integrou três aspectos de consumo usados por sites que disponibilizam materiais por streaming e o *on demand* em produtos que antes eram engessados em programações. Além do *binge watching*, uma nova forma de acompanhar e assistir séries, em que o espectador pode assistir, em sequência, filmes, séries, documentários e todo o repertório disponibilizado na Netflix, por exemplo.

O *streaming*(1) possui uma configuração que permeia por um formato disciplinar, ao disponibilizar um número limitado de títulos, e ao mesmo tempo possui a multiplicidade de consumo. O *streaming*(2) radicalizou possibilidades históricas ao que integra o audiovisual, o consumo e a produção. Assim, os mesmos produtos que estão ou estavam engessados em transmissões feitas por canais de televisão, podem ser acessados a qualquer momento. O *streaming* possibilitou a agregação de conteúdos audiovisuais, além de multiplicar oportunidades de criação de novos produtos, utilizando formatos já conhecidos em produções ou novas estruturas (LADEIRA, 2016).

O “casamento” do audiovisual com a evolução tecnológica da sociedade nos leva a pensar não apenas como o primeiro documenta e registra momentos históricos, mas também como faz história (HAGEMEYER, 2012). Netflix possui uma plataforma hospedada em rede mundial, o que faz com que a recepção de seus produtos originais seja também nessa escala/ tenha esse alcance . A associação entre a internet e audiovisual permite a intensa convergência entre os conteúdos e a programação, ou seja, aquilo que foi conhecido como um produto para televisão se torna parte de um universo mais amplo (LADEIRA, 2016).

O aspecto histórico se faz na revolução que a internet e plataformas como a Netflix possibilitou, principalmente em sua acessibilidade, no que permite o espectador assistir produtos onde e quando quiser (*on demand*) e poder fazer maratonas de episódios, temporadas e filmes (*binge watching*). Apesar desse fenômeno inovador, os formatos utilizados nos produtos feitos pela Netflix são originados na televisão e no cinema.

A Netflix iniciou seu trabalho como distribuidor de conteúdos feitos por outras produtoras, ou seja, a empresa consegue negociar a comercialização de conteúdo amplamente conhecidos.

--	--	--

--	--	--

Porém após um tempo, a Netflix passou a ter controle de produtos inéditos, produzidos pela própria empresa. O recurso de conteúdo inédito traz de volta uma característica comum da televisão, o espectador pode assistir o conteúdo produzido apenas no site da Netflix (LADEIRA, 2016). Há uma associação entre criadores (autores específicos) e produtoras afim de criar uma estratégia: uma operação *streaming* dotada de conteúdo exclusivo, o que implica a inserção de temas que eram, até então, inexistentes (LADEIRA, 2016).

2.2 13 Reasons Why : Tabus e a Audiência

13 Reasons Why é uma série norte-americana lançada em 2017, baseada no livro *Thirteen Reasons Why* (2007), escrito por Jay Asher. O enredo do livro foi adaptado para a Netflix por Brian Yorkey e a primeira temporada tem treze episódios, que foram lançados em 31 de março de 2017.

A série aborda a história de uma adolescente que comete suicídio após ser vítima de bullying, assédio moral, psicológico e sexual e estupro. A jovem é a protagonista chamada Hannah Baker.

Logo no primeiro episódio, o telespectador tem o conhecimento de que Hannah cometeu suicídio. A partir disso, os episódios narram a protagonista explicando, por meio de 13 fitas, gravadas por ela, o motivo pelo qual tomou essa decisão. Cada fita é direcionada para um personagem que teria sido um dos motivos de sua morte. No recorte temporal feito pela série, o pacote de fitas é entregue a Clay Jensen, que ao longo dos episódios tem os seus sentimentos por Hannah revelados e passa por situações causadas pelas instruções deixadas pela garota.

13 Reasons Why traz à tona sentimentos e ações típicos de adolescentes e como o comportamento deles revelam um silenciamento em torno de temas graves que são abordados pela série. A *13 Reasons Why* revela aspectos de um ângulo extremo, não só pelo fim trágico da vida de Hannah Baker, mas também pelos maus feitos a ela e a outra personagem da série, Jessica Davis. As duas são vítimas de estupro, feitos pelo mesmo homem, um colega de escola chamado Bryce Walker, personagem rico que é líder do time de basquete da *Liberty High School*.

Nos episódios que tais cenas são mostradas, e também o que possui a cena de suicídio, há uma informação, logo no primeiro minuto, referente a violência e sensibilidade da narrativa, a mensagem é: "cenas que alguns espectadores podem achar perturbadoras e ou podem não ser

--	--	--

--	--	--

adequadas às audiências mais jovens, incluindo representações gráficas de violência e suicídio". Lembrando que a classificação etária da série no Brasil é de 16 anos.

A Netflix disponibilizou um mini-documentário chamado “*13 Reasons Why: Tentando Entender os Porquês*”, que é uma discussão feita pelo elenco, pela equipe de produção e profissionais da área de saúde sobre questões retratadas na série, como o *bullying*, abuso sexual, depressão e suicídio.

O vídeo de quase trinta minutos aborda os assuntos da série antes mesmo dela ser pautada pela mídia, sendo que os assuntos retratados possuem forte sensibilidade às questões que são consideradas tabus, principalmente ao que se refere ao suicídio.

O lançamento da série gerou debate no jornalismo sobre assuntos tabus contidos no enredo da trama, especialmente porque *13 Reasons Why* é um produto midiático de grande repercussão. A discussão sobre temas tabus não é novidade para um produto audiovisual. Partes desses assuntos já foram tratados em outras séries e filmes produzidos por produtoras e exibidos na grade de canais televisivos. O filme “*Prayers for Bobby*”¹ produzido pela HBO, e a série *Glee*², produzido pela Fox já retrataram o tema suicídio.

13 Reasons Why se tornou o título mais popular da Netflix em 2017, de acordo com a empresa de pesquisa de mercado Fizziology (OLHAR DIGITAL, 2017). Em um levantamento sobre o impacto causado pela primeira semana da série nas redes sociais, *13 Reasons Why* foi a série original da Netflix mais comentada, possuindo números duas vezes maior que o segundo colocado.

2.3 Efeito Wether

A relação entre o suicídio e a mídia não é novidade e possui uma grande sensibilidade, que engloba recomendações de diferentes tipos de organizações trazendo um histórico trágico que comprova a relação e o envolvimento entre a mídia e a sociedade.

O suicídio é tratado como tabu pela sociedade e não seria diferente no jornalismo, este que pouco aprofundava em discussões sobre o assunto. Sabe-se da existência de casos e das discussões em âmbito social, mas as problematizações não acontecem com frequência (ALVES, 2014).

¹ *Prayers for Bobby* (Orações para Bobby, em português) é um filme estado-unidense, de 2009, produzido pelo canal HBO para televisão, baseado no livro homônimo de Leroy F. Aarons e dirigido por Russell Mulcahy.

² *Glee* é uma série produzida por Ryan Murphy, Brad Flachuk e Ian Branna para o canal Fox.

--	--	--

--	--	--

Uma das primeiras associações entre suicídio e mídia não se refere a um produto audiovisual, mesmo assim se faz importante a esse estudo. Lançado em 1774, o livro “Os sofrimentos do Jovem Werther”, escrito por Johann Wolfgang von Goethe, foi um marco da literatura mundial. Werther, protagonista da história, se mata por não ter seu amor correspondido pela sua amada, Charlotte. (ALVES,2014)

Logo após o lançamento do livro, houve uma onda de suicídios por jovens europeus, que apesar de na época não haver nenhum tipo de levantamento quantitativo, os relatos descreviam que os jovens eram encontrados com a cópia do livro, além de utilizarem o mesmo método do personagem Werther. Tal fenômeno ocasionou a proibição do livro em alguns lugares, e resultou o chamado “Efeito Wether”, termo utilizado tecnicamente para designar a imitação de métodos de suicídio (OMS, 2000).

A Organização Mundial de Saúde (OMS) aponta que existem outros casos em que a literatura ocasionou uma sequência de suicídios, como o do livro norte-americano lançado em 1991, “Solução Final - Praticabilidade da Auto-eliminação” (título original: *Final Exit*) que desencadeou o aumento no número de suicídios em Nova Iorque e em Paris, os suicidas utilizavam do mesmo método descrito no livro.

A OMS caracteriza a televisão como grande influenciadora do comportamento suicida, sendo que após uma cobertura intensa de algum caso de suicídio, o que inclui a mídia impressa, há um aumento de atos de suicídio até dez dias após a noticiização, principalmente quando essas coberturas envolvem mortes de celebridades. Contudo, existem pesquisas conflitantes, no que se diz ao impacto de programas de ficção, como séries, novelas, filmes, que narram histórias de pessoas que cometem suicídio. Segundo os estudos, alguns programas provocam o comportamento suicida, já outros demonstram nenhum tipo de efeito (OMS, 2000).

De acordo com a OMS (2000), a mídia possui valor influenciador, de modo que a influência pode ser extrema, como é o caso do Efeito Wether. Os produtos audiovisuais e seus produtores, seja canais de televisão ou sites da internet, compartilham do mesmo valor, como já descrito no início deste capítulo. A influência não precisa ser negativa, a tematização do suicídio, seja por produtos de entretenimento ou jornalísticos podem ajudar a prevenir o comportamento suicida. Mas é preciso cuidado, sendo que qualquer tipo de publicidade sobre suicídio pode banalizar tal ato, como alerta a OMS, 2000.

A Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP) desenvolveu em 2016 um manual para a imprensa, com esclarecimentos sobre como o ato suicida é noticiado, em que são levantadas

--	--	--

--	--	--

cinco situações em que o suicídio vira notícia. 1) a indivíduo que cometeu o suicídio é uma pessoa pública ou celebridade; 2) o suicídio foi precedido de assassinato, ou seja, antes de cometer suicídio o indivíduo assassinou uma ou mais pessoas; 3) terrorismo, como o caso de homens-bomba; 4) o suicídio provocou problema que afetou a coletividade, como um acidente de trânsito; 5) a exposição do caso de suicídio visando o sensacionalismo.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) já havia criado, ainda no ano 2000 um manual para profissionais da mídia, de como retratar o suicídio e de como ajudar a prevenção do comportamento suicida. Em comparação ao manual desenvolvido pela ABP, este é mais detalhado e as orientações se encaixam em produtos de entretenimento (OMS, 2000).

A OMS recomenda que coberturas sensacionalistas devem ser incessantemente evitadas, principalmente em casos que envolvem a morte de algum famoso. Caso a celebridade sofresse de algum problema de saúde mental, tal informação deve ser noticiada. Fotografias do suicida, da cena do suicídio e a descrição de como ocorreu tal fato, e qual foi seu método, são dispensados, sendo que, segundo a Organização, pesquisas comprovam que as coberturas de suicídios pelos meios de comunicação têm maior impacto no método utilizado do que no aumento de pessoas que cometem tirar a própria vida. Devem ser evitados também qualquer tipo de propaganda do local onde ocorreu o ato suicida, como pontes, edifícios, penhascos etc.

Destaques sobre a morte devem ser evitados, como primeira página ou coberturas especiais. O suicídio não pode ser demonstrado como um fato inexplicável ou de maneira simplista, sendo que ele nunca é o resultado de apenas um evento ou fator. Ao mesmo tempo que o suicídio não pode ser narrado como uma forma de resolver problemas pessoais. A glorificação de pessoas que se mataram, como heróis, deve ser evitada, e a ênfase deve ser dada ao luto (OMS, 2000).

Seja em materiais jornalísticos ou produtos fictícios, deve-se levar em consideração o impacto que o suicídio causa em familiares da vítima, demonstrando que há um sofrimento pós-morte. Os meios de comunicação e os produtores devem trabalhar em conjunto com autoridades de saúde na apresentação de atos suicidas. E devem ser destacados as alternativas ao suicídio, informando sobre telefones e sites de grupos de apoio (OMS, 2000).

2.4 Os motivos da Netflix

Por que a Netflix decidiu investir em um assunto tão delicado, que exige atenção, cuidado e sensibilidade ao ser representado? De acordo com Stürmer e Silva (2015), o tipo de

--	--	--

--	--	--

serviço *streaming* apresenta característica articulares que engloba a maneira de como seus produtos são oferecidos em seu catálogo, a opção pelo investimento em séries originais que tem apelo comercial e de crítica, ou seja, a Netflix investe em produtos que terão repercussão (XAVIER, 2017).

Assim, é possível inferir que a participação e interação do público com os programas de entretenimento seriado é, atualmente, um aspecto importante para a definição se a série será ou não produzida. Diferentemente do que acontecia com produtos de entretenimento seriado vinculados a televisão antes do surgimento de redes sociais e do *streaming*, o gosto do público era medido apenas pela audiência, o que fazia com que séries fossem canceladas rapidamente caso não agradasse o público. Atualmente, os produtores possuem as redes sociais para medir a popularidade das séries. Com *13 Reasons Why*, não foi diferente, como já mostrado no capítulo.

No Twitter, logo após a série ser disponibilizada pela Netflix, *13 Reasons Why* estava entre os assuntos mais comentados, inclusive com a presença da *hashtag* #NaoSejaUmPorque, usando o enredo da série para conscientizar as pessoas sobre as violências sofridas por Hannah Baker no enredo da série. O volume de citações referentes à série nas redes sociais fez com que *13 Reasons Why* fosse tematizada pelo jornalismo, ou seja, a série conquistou espaço na mídia. Especialmente, sobre a questão do suicídio praticado por jovens (XAVIER, 2017)

Segundo a agência das Organização das Nações Unidas (ONUBR, 2016), dados de 2012 revelam que mais de 800 mil pessoas morrem por suicídio todo ano no mundo, sendo a segunda principal causa da morte entre jovens de 15 e 29 anos. Três em cada quatro pessoas que cometem suicídio vive em países de média ou baixa renda. As taxas de suicídio aumentam em grupos vulneráveis que sofrem algum tipo de discriminação, como imigrantes e refugiados, indígenas, pessoas que se encaixam na comunidade LGBTI (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Travestis e Intersexuais) e também que são privadas de liberdade.

A ONU argumenta que o suicídio é uma questão complexa e sensível, e por isso, os esforços para a prevenção deve ser um trabalho conjunto de múltiplos setores da sociedade. A falta de conhecimento também é uma preocupação.

O estigma, particularmente em torno de transtornos mentais e suicídio, faz com que muitas pessoas que estão pensando em tirar suas próprias vidas ou que já tentaram suicídio não procurem ajuda e, por isso, não recebam o auxílio que necessitam. (ONUBR, 2016)

--	--	--

--	--	--

A grande maioria dos países não possuem nenhuma estratégia nacional de prevenção ao suicídio. A ONU define que sensibilizar a comunidade e quebrar tabu são ações importantes para alcançar progressos na prevenção de casos de suicídio (ONUBR, 2016).

A Netflix incluiu no primeiro episódio de *13 Reasons Why*, logo no início, uma mensagem: “Se você ou alguém que você conhece precisa de ajuda para encontrar auxílio e apoio em sua região, acesse 13reasonswhy.info para mais informações.”. Esse site criado pela própria equipe da Netflix reúne informações de diversos países de como alguém pode buscar ajuda caso necessite. No site, há um aviso de alerta que explica que o endereço eletrônico não engloba todas as organizações de ajuda do mundo e também deixa claro que não é substitutivo para casos de emergência ou auxílio médico.

--	--	--

--	--	--

3 DO SILÊNCIO AO DEBATE

O estudo analisou a série *13 Reasons Why* destacando a espiral do silêncio que envolve os tabus no enredo da série, com foco no suicídio, principal tema da série. E como esse contexto fez com que a *13 Reasons Why* ganhasse importância no cenário jornalístico por meio da tematização.

A primeira temporada de *13 Reasons Why* tem em sua história ficcional uma situação de silenciamento. O suicídio, a violência sexual, *bullying* e o estupro foram representados pela série como assuntos pouco discutidos em ambiente escolar e familiar. Todo o enredo segue com personagens que ficam em silêncio e não comentam sobre os tipos de violência que sofrem.

Os estudos sobre as características que fizeram com que *13 Reasons Why* fosse tematizada nos meios brasileiros de comunicação considera a Teoria do Agendamento e os Valores de Noticiabilidade. Para a compreensão das pistas a respeito da construção das notícias sobre a série e o tema suicídio, a Teoria do Agendamento nos ajudará a entender como e por que um assunto tão sensível recebeu tanta atenção em um determinado período de acordo com o lançamento da série.

3.1 Espiral do silêncio em *13 Reasons Why*

O conceito de Espiral de Silêncio, elaborado por Noelle-Neumann (1974), explica que o indivíduo tende a se silenciar quando possui opiniões contrárias às da maioria, por medo do isolamento social; ou seja, ele se cala em frente ao discurso da maioria para não se excluir. A partir de pesquisa sobre a opinião pública, a autora afirma que “as pessoas tendem a proclamar suas opiniões ou ‘engoli-las’ e ficam caladas até que, num processo em espiral, um ponto de vista passa a dominar a cena pública e, por fim, desaparece da consciência pública ao silenciar seus apoiadores. Este é o processo que podemos descrever como ‘espiral de silêncio’” (NOELLE-NEUMANN, 1974, p.11).

A hipótese da Espiral do Silêncio compreende que a tendência é progressiva e também exponencial. O fenômeno pode acontecer e se perpetuar pelo indivíduo que se cala, a demanda da maioria pode reprimir o indivíduo por tempo indeterminado, ou o silenciamento pode acontecer em momentos curtos: em situações que a tendência do pensamento da maioria desaparece ou pela inversão da tendência do pensamento que fazia parte, até então, do pensamento da minoria (NOELLE-NEUMANN, 1974). Essa reversão é causada pela ideia que se tem sobre determinada opinião que sofre o silenciamento por ter contraste a opinião da

--	--	--

--	--	--

maioria. O silenciamento reforça a ideia de minoria. A opinião da maioria que recebe apoio explícito parece mais forte do que realmente é. Com a quebra do silenciamento, a minoria, até então, encontra forças em quem estava silenciado antes, tornando-se assim maioria.

De acordo com Noelle-Neumann (1974), a hipótese da espiral do silêncio afirma que indivíduos quando pensam que estão em minoria, expressam menos sua opinião. Mas a relação com o tema e a expectativa de que em algum momento no futuro, a opinião da minoria pode se tornar dominante, faz com que a tendência se inverta.

Todo o enredo de *13 Reasons Why* é sobre a história de uma estudante que é vítima de violências físicas e verbais e decide gravar os treze motivos para o seu suicídio, e destina essas gravações para os conhecidos da mesma escola depois de sua morte. O suicídio de Hannah Baker faz com que o assunto seja falado institucionalmente, a escola passa a se posicionar sobre o assunto, com uma linguagem que preza pela prevenção.

Os traumas vivenciados pela principal personagem no enredo de *13 Reasons Why* não são debatidos pela escola, no âmbito familiar e entre amigos. Essa retratação da série sugere o silenciamento, fato contido em todos os episódios da primeira temporada. O conteúdo das fitas era um segredo entre personagens que tiveram acesso às gravações, e os telespectadores, que ao assistir a série seguem a narrativa de ser um ouvinte das fitas, junto com o personagem Clay Jensen, conseguem visualizar a problemática que a série propõe: os perigos que levam ao suicídio.

Para entender como o suicídio e *13 Reasons Why* receberam destaque no jornalismo nacional, analisamos o contexto da série e o discurso de Hannah Baker para confirmar a fenômeno da Espiral do Silêncio.

3.2 A tematização pelo jornalismo

Os tabus saem da série e ganham espaço público de debate por meio de um trabalho de tematização realizado, entre outros atores sociais como a publicidade e as redes sociais digitais, pelo jornalismo. De acordo com Wolf (1987), *agenda-setting* (agendamento em inglês) é a construção noticiosa feita pela mídia sobre um elemento específico, sem pretender persuadir, mas demonstrando a necessidade de descrever a realidade exterior, apresentando ao público uma lista daquilo que é necessário ser discutido ou gerar discussões. Wolf (1987, p.144) define também que “a hipótese do *agenda-setting* é, portanto, mais um núcleo de temas e de

--	--	--

--	--	--

conhecimentos parciais, posteriormente, organizado e integrado numa teoria geral sobre mediação simbólica e sobre efeitos da realidade exercidos pelos *mass media*”.

McCombs e Shaw (1973 apud TRAQUINA, 2001) ajudam a definir o agendamento, caracterizando-o como o conjunto de notícias que nos dizem sobre o que pensar. O conceito de agendamento é para entender como o jornalismo tematiza questões consideradas importantes e como esse processo é feito. A definição da tematização se refere ao processo de seleção e escolha de temas para se transformar em notícia, que permeia na análise deste trabalho.

O procedimento de agendamento a que nos referimos nesta pesquisa diz respeito aos conteúdos jornalísticos veiculados nos meios de comunicação. Traquina (2001) conceitua que a agenda midiática, apesar do nome, analisa, de modo geral, conteúdo da produção do campo jornalístico, como matérias de jornais impressos, noticiários televisivos, ou textos noticiosos vinculados à internet. Ou seja, as teorias levantadas neste capítulo que são interligadas ao agendamento não englobam todos os conteúdos vinculados às programações midiáticas, apenas conteúdos de teor jornalístico.

Para dar sequência, faz-se necessário esclarecer qual o papel atuante do jornalista, seja na tematização ou no agendamento. Traquina (2001) usou a análise feita por Molotch e Lester (1974 apud TRAQUINA, 2001) para descrever três categorias de pessoas que são posicionadas de diferentes formas ao trabalho jornalístico. A primeira categoria é definida como “promotores de notícia”, que são indivíduos, ou seus associados, que identificam alguma ocorrência ou fato como especial. A segunda categoria, “montadores de notícias”, são todos os profissionais que transformam um conjunto finito de ocorrências em um acontecimento público por meio de publicações em meios de comunicação. A terceira categoria é definida pelos “consumidores de notícia”, que são os indivíduos que consomem os produtos feitos pelos profissionais do jornalismo.

De acordo com a visão de Traquina (2001), no trabalho jornalístico, ao agendar algum fato, é importante para o funcionamento das sociedades modernas, sendo que “a constituição de um acontecimento ou de uma questão em notícia significa dar existência pública a esse acontecimento ou questão, constituirlos como recurso de discussão” (TRAQUINA, 2001, p.22). O mecanismo do agendamento propõe a retirada de determinado assunto de um ambiente sem discussões e o transformar em tema passível de discussão no âmbito da sociedade.

Vale ressaltar que a constituição de acontecimentos e ocorrências como notícias possui aspectos seletivos, moldados pelos critérios de noticiabilidade, como defende Traquina (2013),

--	--	--

--	--	--

que lista doze critérios que influenciam o fluxo da noticiabilidade de algum elemento. Tais critérios são: 1- a frequência, 2- a amplitude do evento, 3- a clareza ou falta de ambiguidade, 4- a significância, 5- a consonância, 6- o inesperado, 7- a continuidade, 8- a composição, 9- a referência às noções de elite, 10- a referência a pessoas de elite, 11- a personalização, 12- a negatividade.

Os critérios de noticiabilidade listados acima são defendidos por Traquina (2013) como métodos profissionais utilizados para a seleção de acontecimentos ou ocorrências a serem noticiadas, ou como ele mesmo diz: “operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possui valor como notícia”, (TRAQUINA, 2013, p.63). O autor explica, portanto, que estes critérios definem o modo de seleção usado para que um acontecimento ou ocorrência seja tematizada. “Os critérios de noticiabilidade são o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é suscetível de se tornar notícia” (TRAQUINA, 2013, p.63).

Wolf (1987) defende que a ligação entre a evidência de temas, ou seja, a constituição de acontecimentos ou ocorrências como notícia, e os critérios de relevância, descritos por Traquina como critérios de noticiabilidade, fornecidos pela chamada tematização.

A tematização é um procedimento informativo que se insere na hipótese de agenda-*setting*, dela representando uma modalidade particular: tematizar um problema significa, de fato, colocá-lo na ordem do dia da atenção do público, dar-lhe o relevo adequado, salientar a sua centralidade e o seu significado em relação ao fluxo da informação não-tematizada (WOLF, 1987, p. 163).

A ligação entre tematização e o agendamento pode ser entendido de forma didática ao citar como esse processo é feito por profissionais. Os “promotores de notícia”, profissionais que exercem a tematização, fazem a seleção de um tema para ocorrer o agendamento. As influências podem surgir de vários aspectos. Os “montadores de notícias” são os que agendam o tema selecionado pelos “promotores”.

Sobretudo, faz-se necessário compreender que a tematização e o agendamento fazem parte de um mesmo processo ocasionado pelo jornalismo e pelos meios de comunicação: a produção da notícia. Como destaca Wolf (1987), ao dizer que a estratégia comunicativa da tematização é destinada aos efeitos do agendamento, ou seja, precede e é feito para o agendamento. De acordo com Traquina (2001), “a constituição de um acontecimento ou de uma

--	--	--

--	--	--

questão em notícia significa dar existência pública a esse acontecimento ou questão, constituir-los como recurso de discussão” (TRAQUINA, 2001, p.100).

Traquina (2001) entende que uma grande questão do jornalismo são os estudos da agenda jornalística, sendo que esta agenda possui influência das agendas políticas e na agenda pública. Ao mesmo tempo que o inverso acontece no meio jornalístico, “promotores de notícia” também influenciam a agenda pública. “Outros fatores, tais como a experiência direta e as conversas interpessoais, também intervêm na agenda de cada pessoa” (TRAQUINA, 2001, p.26).

Tais aspectos nos fazem entender que a tematização de um acontecimento ou ocorrência podem surgir de diversas formas, sendo que ações de agentes sociais, experiências diretas, conversas interpessoais e acontecimentos da vida real podem influenciar a agenda política a agenda jornalística e as agendas públicas (Molotch e Lester, 1974 apud TRAQUINA, 2001, p.21).

O relacionamento entre agendas exemplifica a forma como a tematização pode ser feita, ou seja, os promotores de notícia selecionam aquilo que interessa ao agendamento. A série *13 Reasons Why* pode ser considerada uma “ação de agente social” por ser um produto audiovisual desenvolvido a partir de temas considerados tabus ou pouco discutidos na sociedade e que mobiliza o campo jornalístico para a produção de notícias sobre esses assuntos. Além disso, a série preenche os critérios de noticiabilidade defendidos por Traquina (2013)

Ao retratar o suicídio, abuso sexual, *bullying* e outras violências, a produção da série utiliza de “acontecimentos do mundo real” (TRAQUINA, 2001, p.26) para se inspirar. É importante entender também que a agenda política, jornalística e a pública se relacionam, ao mesmo tempo que se relacionam com as “ações de agente sociais”, “experiência direta e conversas interpessoais” do público, e os “acontecimentos do mundo real” (TRAQUINA, 2001, p.26). A Netflix demonstra conhecimento sobre a importância da discussão do tema e disponibiliza junto com a série, o minidocumentário “*13 Reasons Why: tentando entender os porquês*”.

3.3 Análise de Discurso enquanto método

Para caracterizar os fenômenos de silenciamento e de tematização que envolvem a série e a temática do suicídio no jornalismo brasileiro, empregamos a Análise de Discurso de linha francesa nos objetos selecionados para a estudo: o discurso construído pela personagem central da série, Hannah Baker, em episódios selecionados de acordo com as cenas de maior impacto; e

--	--	--

--	--	--

cinco matérias jornalísticas selecionadas para ilustrar a tematização de assuntos relevantes do contexto de *13 Reasons Why*.

De acordo com Gill (2002), não existe uma definição única da Análise de Discurso, mas existem características essenciais defendidos pela autora para se fazer tal análise: a postura crítica ao discurso estudado, usando de respeito; o entendimento de que a compreensão do mundo é relativa, histórica e cultural; a convicção de que o conhecimento e a construção social dos indivíduos são construídos socialmente pelos processos, práticas e ações sociais.

Cabe entender que todo discurso é circunstancial e para a sua análise deve-se compreender sobre o uso de recursos linguísticos preexistentes (GILL, 2002). A autora defende a multiplicidade de formas de se fazer a análise de discurso, e define que “uma análise de discurso é uma leitura cuidadosa, próxima, que caminha entre o texto e o contexto, para examinar o conteúdo, organização e funções do discurso” (GILL, 2002, p.266). A análise proposta neste trabalho pretende compreender o contexto social preexistente usado de inspiração para o enredo de *13 Reasons Why*, que possui uma situação de silenciamento e como a série impulsionou o debate sobre o suicídio (e outros temas tabus) por meio da tematização em textos jornalísticos nos meios de comunicação.

A prática da análise pressupõe, inicialmente a elaboração do corpus analítico, ou seja, os objetos que serão estudados, em seguida a preparação e estudo sobre o tema, antes de fazer a análise propriamente dita. As perguntas feitas para se efetivar a análise de discurso devem questionar pontos que análises tradicionais, como a análise de conteúdo e a análise de dados, não questionam. A importância da preparação e da intenção da análise ficam definidas na codificação. A transcrição de objetos de análise é parte fundamental para a análise de discurso. Descrições detalhadas e com notas que pontuam o contexto em que o discurso foi usado são fundamentais. A postura ao se fazer a análise de discurso, como a suspensão de crenças e preconceitos por parte do analista, além da familiaridade com o material transcrito também são importantes (GILL, 2002).

De acordo com Gill (2002), existem passos para iniciar uma análise de discurso: a formulação de questões para a pesquisa; a escolha dos textos a serem analisados, a transcrição dos textos em detalhe (caso o texto seja material de arquivo, como artigos de jornais, não é necessário a transcrição); a leitura profunda e cética dos textos, sempre questionando o discurso empregado nele; a codificação do texto, como a seleção de pontos específicos para defender a ideia proposta pela pesquisa; e a análise em si, examinando as regularidades, variabilidades e

--	--	--

--	--	--

hipóteses. O capítulo de análise deste trabalho é o último passo apontado por Gill (2002): descrever profundamente todos os passos apontados acima.

3.4 Procedimentos metodológicos

Esta monografia consiste em analisar como o silenciamento sobre o suicídio e outros temas tabus construídos na narrativa da série *13 Reasons Why* impactou a tematização desses temas e da própria série no jornalismo brasileiro. Levando em conta os aspectos contextuais técnicos e sociais que influenciaram a produção da série, como o fato de estar hospedada na plataforma Netflix, o formato de entretenimento seriado e a discussão de assuntos importantes considerados tabus, como o *bullying*, abuso sexual e suicídio, além do contexto do trabalho jornalístico feito, por meio da tematização, considerando sua importância no contexto social.

O *corpus* de análise é, dessa forma, constituído de quatro episódios do seriado, nos quais a protagonista, Hannah, faz gravações em áudio para que pessoas selecionadas por ela entendam quais foram os “motivos” que fizeram com que a adolescente cometesse suicídio.

Para a análise da série, a amostra de *13 Reasons Why* selecionada é, o primeiro “Fita 1, Lado A”, o nono “Fita 5, Lado A”, o décimo segundo “Fita 6, Lado B” e o décimo terceiro “Fita 7, Lado A”. Mais especificamente, a análise é feita pelo discurso empregado nos episódios, no qual Hannah, personagem que protagoniza a trama, faz gravações em áudio, para que pessoas selecionadas por ela, entendam quais “motivos” fizeram a adolescente cometer suicídio. Assim, busca-se fazer a transcrição das fitas gravadas por Hannah nesses quatro episódios.

O primeiro episódio foi selecionado porque é nele que o telespectador consegue entender a narrativa e são apresentados os principais personagens da série, bem como o ambiente construído onde passa a narrativa, e também o telespectador consegue entender qual o gênero da série com mais profundidade. *13 Reasons Why* se encaixa na categoria Drama Adolescente, e a primeira temporada, lançada na Netflix em 31 de março de 2017, tem treze episódios.

Os episódios de número nove, doze e treze são os mais dramáticos por envolverem cenas de abuso sexual e a cena de suicídio. Eles foram selecionados para a análise porque oferecem a possibilidade de estudo da narração feita por Hannah nas fitas. A narração da personagem nos áudios é em dois tempos: as cenas narradas e vivenciadas por Hannah, e a reação de Clay ao ouvir as fitas.

Selecionamos para análise a narração de Hannah Baker nas fitas, o que possibilita o estudo do discurso empregado pela personagem sobre as causas que, de acordo com o enredo da série,

--	--	--

--	--	--

causaram o suicídio da protagonista. A fala da Hannah se mostra importante para contextualizar a construção narrativa e discursiva que a série propôs. A análise questiona o teor das falas da personagem principal e confirma a presença do silenciamento, tanto na realidade construída no enredo de *13 Reasons Why*, que caracteriza o contexto para a análise de discurso, quanto na narração da protagonista.

Além disso, foram analisadas cinco matérias jornalísticas veiculadas no Brasil, mais especificamente, textos que agendaram *13 Reasons Why*. A amostra foi selecionada de acordo com o recorte temporal em que elas foram publicadas: de abril e maio de 2017. Este período foi selecionado considerando o impacto imediato causado pelo lançamento da série, no 31 de março de 2017, levando em conta o fenômeno *binge watching*, em que todos os episódios de *13 Reasons Why* foram disponibilizados ao mesmo tempo e o telespectador pôde assistir todos os episódios online rapidamente. As matérias jornalísticas foram selecionadas online, tal escolha foi feita sendo que a plataforma que a série é disponibilizada é a internet, considerando também a repercussão da série nas redes sociais. Os textos escolhidos para a análise levam em consideração os veículos em que foram publicados, a seleção foi feita buscando maior diversidade entre os meios de comunicação.

Os procedimentos de análise incluíram, assim, o acompanhamento da série, assistindo cada episódio, analisando os tabus contidos na narrativa de *13 Reasons Why*, com a elaboração da transcrição das falas da personagem principal nos episódios que são objetos da análise. Foi realizada também análise de discurso das matérias jornalísticas para compreender quais elementos da série foram tematizados. E a relevância de *13 Reasons Why* para a construção de texto que propõe o debate sobre os temas tratados na série.

As análises dos textos jornalísticos foram feitas buscando identificar a relação entre o jornalismo, o agendamento, os temas tabus contidos na série, e a ligação entre *13 Reasons Why* e a Netflix.

--	--	--

--	--	--

4 ANÁLISE

A análise compreende o contexto social preexistente que é usado em *13 Reasons Why* para a construção da narrativa da série. E por meio da análise de discurso, seguindo os passos de Gill (2002), compreende a existência de silenciamento.

O estudo relaciona a discussão de temas tabus tratados em *13 Reasons Why*, produto de grande recepção no formato de entretenimento seriado, com a tematização jornalística feita sobre estes temas.

Para caracterizar como a série impulsionou o debate sobre o suicídio (e outros temas tabus) por meio da tematização em textos jornalísticos nos meios de comunicação, empregamos a análise de discurso, também seguindo os passos de Gill (2002), para compreender a relevância de *13 Reasons Why* para a construção dos textos jornalísticos.

4.1 Original Netflix

13 Reasons Why é uma série original Netflix baseada em livro de mesmo nome, lançada em 31 de março de 2017. O roteiro foi escrito por Brian Yorcker e uma das produtoras da série é a cantora e atriz Selena Gomez. A série narra a história de uma adolescente que comete suicídio após ser vítima de bullying, estupro e assédio moral e físico.

Hannah, protagonista da série, após um forte trauma, lista os nomes das pessoas que seriam a causa da sua decisão em cometer suicídio, para explicar detalhadamente ela grava em sete fitas, cada fita tem dois lados, e cada lado narra um episódio da temporada. Cada episódio é direcionado a um personagem da série. Esses casos contados são os motivos pelos quais ela decidiu se matar.

Realiza-se a análise de discurso das falas de Hannah em suas gravações nas fitas. As falas selecionadas são de quatro episódios, considerados os que possuem as cenas que chamam mais atenção no enredo da série. Essas falas descrevem a sensação de Hannah ao passar por momentos importantes para a narrativa: Os episódios nos quais Hannah faz gravações em áudio, para que pessoas selecionadas por ela entendam os “motivos” são a amostra de *13 Reasons Why*. São quatro episódios: o primeiro “Fita 1, Lado A”, o nono “Fita 5, Lado A”, o décimo segundo “Fita 6, Lado B” e o décimo terceiro “Fita 7, Lado A”. Analisamos a transcrição³ das fitas gravadas por Hannah nesses quatro episódios.

³ A transcrição na íntegra encontra-se no Apêndice.

--	--	--

--	--	--

Essa primeira parte da análise concentra-se na série *13 Reasons Why* destacando a espiral do silêncio que envolve os temas tabus, com foco no que envolve o suicídio dentro do contexto da série, e como esse contexto fez com que a série ganhasse importância no cenário jornalístico sobre os debates dos temas tratados.

A análise de discurso foi feita seguindo a perspectiva levantada por Gill (2002). A autora defende que “um dos pontos básicos defendidos pela análise de discurso é que a descrição e a avaliação não são atividades separadas” (GILL, 2002, pg.259) Assim, os episódios que foram analisados trazem também uma descrição das cenas de maior importância.

A análise de discurso sobre *13 Reasons Why* foi feita sobre as gravações de Hannah e as falas usadas ou os momentos que ela escolhe não falar claramente para se referir aos traumas que ela passou ao longo da narrativa antes de cometer suicídio. De acordo com os passos da análise de discurso, Gill (2002), é necessário a formulação de questões para o estudo do texto.

As questões elaboradas para a análise são: (1) Como Hannah se refere ao suicídio? (2) Hannah fala claramente sobre os abusos que sofre nos episódios? (3) O reflexo do discurso usado por Hannah aponta o silenciamento dos temas tabus? Essas questões consideram as diversas agressões sofridas por Hannah no enredo da série: bullying, assédio moral, psicológico e sexual e estupro. As questões são abordadas discursivamente na análise.

4.1.1 Fita 1, Lado A

No caso da Fita 1, Lado A a gravação feita por Hannah é destinada a Justin Foley. Hannah é vítima de bullying causados por boatos que foram gerados a partir de uma foto tirada por Justin. Essa foto mostra Hannah brincando em um parque da cidade com parte da roupa íntima à mostra. A foto foi tirada onde ocorreu o primeiro beijo da personagem com o Justin Foley, que ao ver ela brincando no parque tirou a foto. No dia seguinte, no colégio, Justin deu a entender que havia ocorrido algo além do beijo com Hannah, o garoto então mostrou a foto de forma pejorativa aos seus amigos, Bryce Walker, melhor amigo de Justin compartilhou a foto com outros amigos, a imagem viralizou via internet no colégio onde todos estudam, Liberty High.

Todo esse contexto é explicado a Clay Jensen, protagonista da série, que no recorte temporal da narrativa, é o selecionado por Hannah para ouvir as fitas. De acordo com a história, só as pessoas que são citadas nas fitas teriam acesso a elas, Clay é citado na Fita 6, Lado A, no episódio 11, mas na sua relação com Hannah não houve nenhum aspecto de abuso, como a

--	--	--

--	--	--

própria personagem defende na série, ou algo que fosse utilizado pela tematização jornalística para produção noticiosa, por isso o episódio não foi analisado.

As falas de Hannah neste episódio dão a introdução para os ouvintes das fitas (outros personagens da série) entenderem o que está acontecendo e também para o espectador entender do que a série se trata. As falas iniciais: *“Oi, é a Hannah, Hannah Baker. É isso mesmo. Não ajuste seu... o que quer que esteja usando para ouvir isso. Sou eu, ao vivo e em estéreo. Sem promessa de retorno, sem bis. E, desta vez, sem atender a pedidos. Pega um lanche. Acomode-se. Porque vou contar a história da minha vida. Mais especificamente porque minha vida terminou.”*. No recorte temporal da série, que o Clay está ouvindo as fitas, Hannah já havia cometido suicídio. Em sua fala, Hannah não se refere claramente ao suicídio, culpa a história que é contada por ela nas fitas como o grande motivo de sua morte.

Hannah deixa claro em suas falas sobre o quão se sentia minimizada e hostilizada pelas pessoas que ela indica serem os responsáveis por isso. *“Não me desvalorize, não de novo”* e *“Sei o que estão pensando, Hannah Baker é uma vadia”* deixam claro como ela se sentia em relação ao que os outros pensavam.

Sobre o ocorrido com Justin, Hannah não descreve claramente o que aconteceu, não cita as fotos tiradas e nem o compartilhamento feito por Bryce. Ela fala sobre o seu primeiro beijo, como imaginava que isso ia acontecer e falou que quando aconteceu, foi maravilhoso, mas *“O que veio depois do meu primeiro beijo? Não foi tão maravilhoso”*. Hannah esclarece na fita: *“um boato com base em um beijo arruinou uma lembrança que eu queria que fosse especial”*.

Neste episódio, quando Clay está ouvindo o lado A da primeira fita, fica claro que ele consegue compreender como tudo (as violências e os abusos) que aconteceram com a Hannah pelo contexto da série em que ele reúne pistas para desvendar aquilo que ela não diz. Hannah não fala claramente sobre o *bullying* que ela sofre por causa de um boato.

Nesse primeiro episódio, Hannah diz que *“a maioria de vocês que está ouvindo não fazia ideia do que estava fazendo, mas vocês vão descobrir”*. Hannah Baker sofre bullying por um boato e fala que as treze pessoas selecionadas por ela para ouvir as fitas não sabiam o que realmente acontecia com ela. Mesmo enunciando isso, a personagem não fala claramente sobre as agressões sofridas e nem sobre o suicídio. Hannah se cala em frente a maioria quando as coisas aconteciam com ela e fala sobre isso, não abertamente, nas fitas ouvidas só depois do suicídio. Hannah se calou em frente ao bullying que ela sofria por causa de um boato que a

--	--	--

--	--	--

maioria acreditava que fosse real, o que caracteriza a Espiral do Silêncio defendida por Noelle-Neumann (1974).

4.1.2 Fita 5, Lado A

No nono episódio, Fita 5, Lado A gravação feita por Hannah é destinada novamente Justin Foley. Hannah narra uma cena traumatizante. De acordo com o recorte temporal da série, esse episódio se passa há cerca de dois anos após o primeiro episódio da série, isso fica implícito às falas de Clay, Hannah e outros personagens, ao citarem, minuciosamente “primeiro”, “segundo”, “terceiro” ou o “último ano do colégio”. O primeiro episódio aconteceu no primeiro ano.

Jessica Davis é uma antiga amiga de Hannah, as duas se aproximaram do primeiro ano do colegial, a amizade se estendeu ao personagem Alex Standall, (os dois possuem fitas direcionadas a eles, que não serão analisadas por não conterem relevância ao estudo). Jessica e Alex se afastaram de Hannah após começarem um relacionamento amoroso. No contexto da série, isso faz com que Hannah se aproxime de outros personagens.

Os meses se passaram e o relacionamento de Jessica e Alex deixou de existir. O trio de amigos não voltou a se encontrar. Jessica então se aproximou de Justin, mesmo com os alertas dados a ela por Hannah, ao falar que toda a história contada pelo personagem, no primeiro episódio, era uma mentira. Jessica não se importou e manteve o relacionamento com Justin.

Na fita, Hannah conta como foi a festa na casa da Jessica nas férias de verão antes penúltimo ano do colégio. Jessica fez a festa em sua casa convidando todos os colegas da escola. Na cena, Clay e Hannah sobem para um dos quartos da casa, o da Jessica. Ao meio de uma discussão Hannah se decepçiona com Clay, e ele vai embora. A relação de Clay e Hannah é importante, mas os comentários sobre o que aconteceu entre os dois neste dia ficam na fita feita para o Clay, que não foi analisada por não envolver os temas tabus tratados na série, como ela narra na fita: *“Como eu fui parar naquele quarto? Isso é outra história. Mas por enquanto, Justin, você esteve com a mesma garota a noite inteira. E não direi o nome dela... mas se você estava naquela festa, você já sabe quem” é.*”.

Na cena, Hannah sozinha e triste no quarto, se esconde ao ver Jessica e Justin entrarem aos beijos e visualmente bêbados, Jessica mais bêbada que Justin. Hannah então vê que Jessica já estava desmaiando. Justin queria fazer sexo, mas parou de insistir quando vê que Jessica está inconsciente, sai do quarto e se depara com Bryce Walker. Bryce entra no quarto quando vê que a namorada do amigo está inconsciente, ao que parece Justin não soube reagir. Hannah, que se

--	--	--

--	--	--

escondeu no guarda-roupa, narrou que não conseguia se mover ao ver Jéssica sendo estuprada por Bryce. Nessa cena da narração da fita, Hannah direciona sua fala ao Justin: *“Percebi duas coisas naquele momento. Primeira, eu estava bêbada. E segunda, aquela garota também estava. Achei que você ia desistir e deixá-la em paz. Pelo menos, esperava que fizesse isso”*. Na fita, não há uma descrição de como realmente aconteceu a cena, Hannah não cita o nome da Jessica, não cita o nome do Bryce e deixa claro que quando estava naquele quarto, estava bêbada e não conseguiu defender a Jessica, *“Mas eu não conseguia me mexer. Estava escuro lá.”*.

As falas de Hannah demonstram o sentimento de culpa e também indicando o Justin como culpado pelo que aconteceu com a namorada dele. *“Eu tinha que fazer algo. Eu tinha que fazê-lo parar”*, *“Aquele garota teve duas chances aquela noite. Mas nós dois a decepçionamos. Como posso viver com isso? Como você pode, Justin? Como ela vive com o que aconteceu?”*.

As relações das falas de Hannah com o episódio não são descritivas. Ela se sente culpada, mas não fala sobre o abuso, não denuncia os envolvidos, ao ver a colega ser estuprada, mantém o sigilo e permanece em silêncio sobre o assunto. Essas características seguem no enredo da série.

De acordo com Noelle-Neumann (1974), a hipótese da espiral do silêncio compreende que pessoas quando pensam que estão em minoria, expressão menos sua opinião. Hannah não faz o uso de palavras como abuso, estupro, sexo ou termos como “a força”, “sem consentimento”. Ela não fala claramente

Nesse episódio, Hannah não faz referência ao suicídio, mas no contexto de *13 Reasons Why* os episódios mostram os motivos apontados por Hannah para o suicídio. O discurso na narração da fita de Hannah Baker não é direto ao se referir aos temas tabus tratados na série, o que também acontece no contexto da série.

4.1.3 Fita 6, Lado B

O penúltimo episódio é sobre como Hannah Baker foi parar na festa da casa do Bryce Walker, personagem que se destacava no time da escola e por fazer parte de uma família rica. No começo do episódio, à noite, a protagonista se dá conta que perdera dinheiro dos seus pais, a quantia era destinada para pagar o aluguel da farmácia que a família Baker possuía.

Ao avisar os pais sobre o valor perdido, acontece uma discussão, Hannah então foi para o quarto. A personagem narra pela fita que se tratava do pior dia da vida dela. E quando ela se viu na discussão com os pais, entendeu claramente como se sentia: *“Parecia que não importava o que fizesse, eu sempre decepçionava as pessoas. Comecei a pensar como a vida de todos estaria*

--	--	--

--	--	--

melhor sem mim”, “*A sensação é um nada. Como um vazio, sem fim, um grande nada*”. Hannah narra nas fitas como se sentia, como se afastava, como se calava sobre os sentimentos sobre os acontecimentos. O silenciamento representado pela personagem vai ao encontro com o conceito da espiral do silêncio defendido por Noelle-Neumann (1974), e pode acontecer e se perpetuar pelo indivíduo que se cala, a demanda da maioria pode reprimir o indivíduo por tempo indeterminado

Quando os pais deitados no sofá cochilam, Hannah decide andar pelos bairros, visita sua antiga casa, e acaba ouvindo sons de uma festa em outra casa, ela segue os barulhos e acaba chegando na casa do Bryce. “*Você imaginaria que eu não seria atraída por esse chamado depois da festa da Jessica. Mas meus pés seguiram. Meu coração e minha mente ainda estavam com um grande vazio*”, Hannah destina essa fita ao anfitrião da festa.

Andando em volta da piscina, ela encontra Jessica e Justin e outro casal na banheira de hidromassagem, fica surpresa ao verem os dois em outra festa, até reparar que ela está lá também. Jessica a convida para entrar na banheira de uma forma amigável, o que fez Hannah lembrar de quando as duas eram amigas no primeiro ano. Hannah se acomoda na banheira, e se sente em paz ao ficar olhando para o céu estrelado. Justin e Jessica saem da banheira, logo depois o outro casal também se retira.

Hannah fica sozinha, “*E não posso explicar, mas ficando lá, sob as estrelas, me senti em paz pela primeira vez em dias*” e sem ela perceber, Bryce entra na banheira. As cenas mais fortes não são explicadas pela Hannah na fita, as indicações sobre o estupro aparecem antes da cena: “*Na minha opinião, há dois tipos diferentes de morte: se você tiver sorte, tem uma vida longa e um dia seu corpo para de trabalhar e acabou. Mas se você não tem sorte, você morre um pouco, de novo e de novo, até que perceba que é tarde demais*”

As cenas mostram ela intimidada, tentando desviar da conversa. Até que ela tenta se retirar na banheira pela primeira vez, ele a puxa, até ela tentar pela segunda vez, e com mais força Bryce a encurrala. Ela pede para ele parar, porém ele insiste, até ela não ter mais forças, nem psicológicas ou físicas para tentar se proteger. A cena é forte. Após o estupro, Hannah volta para casa devagar e com passos curtos, como se não sentisse mais nada.

Hannah não fala claramente sobre o estupro na fita, ela não registra na fita a violência, ela se cala, não denuncia o que aconteceu, se mantém em silêncio. No contexto da série, os pais de Hannah, os colegas da escola que não ouviram as fitas não possuem conhecimento sobre o que aconteceu. Os culpados selecionados por Hannah não acreditam em todo o conteúdo das

--	--	--

--	--	--

fitas. O silenciamento se perpetua nos personagens, no discurso de Hannah nas fitas e nos ambientes institucionais da realidade de *13 Reasons Why*.

“Sei que alguns de vocês podem achar que eu podia ter feito mais, ou devia ter feito mais. Mas eu tinha perdido o controle. E, naquele momento, eu senti que... Eu senti que já estava morta. Pensei que eu pudesse esquecer o que tinha acontecido”. Hannah pela primeira vez fala sobre morte na série, o suicídio é tratado indiretamente por Hannah como morte, e como culpados são os outros personagens. O tema suicídio para Hannah é um tabu.

A protagonista fala que o ato criminoso de Bryce fez jus à sua reputação: *“Graças a você, Bryce, eu finalmente fiz jus à minha reputação”*. A violência, os estupros não são admitidos por Hannah nesta fita, ao falar sobre como se sentia ela não culpa o Bryce explicitamente, faz analogia ao bullying sofrido no colégio. Hannah reforça a espiral de silêncio no enredo da série.

“E eu sabia que eu nunca poderia desfazer aquilo. Mas pensei que pelo menos poderia acertar as coisas.”. Esta fala define quando ela começa a fazer a lista de pessoas que seriam os motivos de seus pensamentos suicidas. E por fim do episódio Hannah fala: *“quando eu olhei para trás e finalmente entendi como tudo aconteceu decidi que ninguém nunca mais me machucaria.”*

4.1.4 Fita 7, Lado A

O último episódio da primeira temporada de *13 Reasons Why* é o que possui a cena mais esperada. Desde o início da temporada, os espectadores já tinham conhecimento do suicídio de Hannah Baker, no episódio 13 (Fita 7, Lado A), essa cena é mostrada. O discurso empregado no episódio que será utilizado para a análise é das cenas que envolvem os personagens Hannah e Porter.

Neste episódio, Hannah fala que depois de ter gravados as fitas, pensou que conseguiria superar tudo aquilo, *“Uma última chance. Darei à vida uma última chance”*. A tentativa seria buscar ajuda procurando o conselheiro da escola Kevin Porter. Hannah decidiu isso quando terminou de gravar a fita do décimo segundo episódio: *“quando terminei a fita número 12. Eu senti algo mudar. Eu tinha despejado tudo e por um minuto, só por um minuto, eu senti que podia vencer isso. Eu decidi dar mais uma chance à vida. Desta vez, eu ia pedir ajuda, porque sei que não posso fazer isso sozinha. Sei disso agora.”*

--	--	--

--	--	--

Logo depois Hannah comenta sobre a decisão de cometer suicídio: *“É claro que, se você estiver ouvindo isso, eu fracassei. Ou ele fracassou, e meu destino está selado.”* Ela decide então gravar na última fita a conversa com Porter a conversa é a última esperança que a Hannah acredita ter, *“Achei que nunca poderia mostrar minha cara naquela escola de novo. Tudo estava escuro por dia. E então... um pouco de luz. Um pouco de luz e você pensa que talvez”*.

A última fita não foi gravada apenas no quarto de Hannah, ela levou o gravador até a sala do conselheiro da escola e gravou toda a conversa. Porter, o conselheiro, fez comentários sobre estar feliz com a presença de Hannah na sala, mas quando a garota conversa sobre os acontecimentos dentro do colégio, como o compartilhamento da foto, assunto tratado no primeiro episódio, Porter comenta que não sabia sobre o ocorrido.

Na sala Porter faz perguntas buscando esclarecer o que de fato aconteceu com Hannah. Ela não foi muito esclarecedora, mas falou da vontade de parar com tudo e que naquele momento não tinha amigos, que se sentia uma filha que não era o que os pais esperavam.

Com a andamento da conversa, Hannah comenta sobre se sentir perdida, vazia e sobre não se importar mais com as pessoas, quando Porter questiona sobre os pais, ela fala: *“Eu me importo com eles, mas eu não, não sou quem eles precisam que eu seja”*. Hannah foi clara ao falar que se sentia sozinha *“Amigos que amigos?”*.

A conversa é interrompida algumas vezes pelo telefone e a Hannah chega a se levantar para deixar a sala, mas o conselheiro insiste. Abalada com os traumas que vem passando, Hannah fala que precisa parar: *“Preciso que tudo pare. Só... As pessoas. A vida”*.

Na fita e na cena Hannah, se emociona e Porter continua perguntando o que mais teria ocorrido. Hannah então fala sobre a festa na casa de Bryce no seguinte diálogo:

“Porter: O que aconteceu na festa? Houve... Teve um encontro na festa?”

Hannah: Um encontro? Sim, podemos dizer assim. Aconteceu... Não quer falar sobre isso, quer?”

Porter: Não, eu quero. Ouça, Hannah, não vou julgá-la, mas aconteceu algo naquela noite de que você se arrependeu?”

Hannah: Sim.

Porter: Está com vergonha do que aconteceu?”

Hannah: Sim.

Porter: Talvez tenha tomado uma decisão?”

Hannah: Não, eu...

Porter: Uma decisão de fazer algo com um garoto e agora se arrepende.

--	--	--

--	--	--

Hannah: Meu Deus, não! É isso que está pensando? ”

Porter questiona Hannah sobre se o que aconteceu na festa poderia se ilegal, a personagem responde: “*Talvez*”. Hannah nega o uso de álcool e de drogas, então o conselheiro questiona se na festa “*Ele agiu contra sua vontade?* e a Hannah responde: “*Eu acho que sim.*” Porter confronta Hannah com as perguntas: “*Você acha que sim? Mas não tem certeza. Você disse para ele parar?* ” e “*Você disse "não" para ele?*” e afirmar: “ *Talvez tenha consentido e depois mudou de ideia*”. Hannah fica constrangida, e essa cena representa um aspecto do conceito de Espiral de Silêncio, elaborado por Noelle-Neumann (1974), que afirma que a demanda a maioria pode reprimir o pensamento da minoria.

Porter então pergunta se o caso precisaria do envolvimento de polícia e dos pais dela, ela negou no início, mas esclarece que se Porter promettesse que se o abusador fosse condenado, ela falaria o nome dele e o acusaria. O conselheiro então deixou claro que não poderia prometer que isso aconteceria e aconselha Hannah que nesses casos se ela não estiver pronta para enfrentar a situação, seria melhor “*seguir em frente*”.

Hannah fica surpresa com tal conselho se revolta e sai da sala. “*Acho que eu fui bem clara, mas ninguém está agindo para me impedir. Alguns de vocês se importaram. Nenhum se importou o bastante. Nem eu. E eu sinto muito. Então, este é o fim da fita 13. Não há mais nada a dizer.* ”

A cena do suicídio acontece após o término da gravação, Hannah desiste de procurar ajudar, a personagem troca de roupa, arruma o quarto, entra na banheira cheia, e corta os pulsos. Hannah não contou sobre seus planos (a gravação das fitas e o suicídio) para o conselheiro da escola.

Porter ouve as afirmações de Hannah como: “*Preciso que tudo pare. Só. As pessoas. A vida*”, “*Um encontro? Sim, podemos dizer assim. Aconteceu*” e “*Se eu contar, você promete que ele irá para a cadeia? E eu nunca mais vou ter que olhar para ele ou ter que encará-lo?*”. O suicídio não foi assunto falado abertamente entre o conselheiro e a aluna do colégio. O silêncio sobre os assuntos tabus existe no discurso empregado em toda série. A realidade representada em *13 Reasons Why* que exemplifica o silenciamento sobre temas que não são discutidos pela maioria permeia pelo discurso de Hannah nas fitas.

A palavra suicídio não é usada pela Hannah em nenhuma das fitas selecionadas para a análise. A gravação das fitas são feitas na noite anterior a sua morte e quando ela leva o gravador para a escola, mesmo assim ela não admite a escolha de tirar a própria vida. Apesar das fitas

--	--	--

--	--	--

serem ouvidas postumamente ela não denuncia nenhuma das violências sofridas ou presenciadas por ela. A escolha de não se pronunciar sobre esses fatos e tratados com tal cautela faz parte a construção narrativa da série e caracteriza o silenciamento empregado por Noelle-Neumann (1974). Hannah se vê menosprezada e acredita que faz parte da minoria da escola, junto com Jessica e outros personagens que também sofrem violência no colégio. Aos que praticam a violência, são caracterizados na série como os mais populares.

4.2 Tematização e agendamento nas matérias jornalísticas

A análise compreende o contexto social preexistente à série *13 Reasons Why*, estuda a situação de silenciamento, e como a série impulsionou o debate sobre o suicídio (e outros temas tabus) por meio do agendamento em textos jornalísticos nos meios de comunicação.

Os materiais jornalísticos não foram transcritos uma vez que já estão em formato de texto. A descrição do material foi importante para caracterizar em qual meio de comunicação o texto foi veiculado, bem como autoria e o histórico dos meios de comunicação que publicaram tais materiais. Este levantamento descritivo é necessário ao considerar “uma consciência aprimorada das tendências e contextos sociais, políticos e culturais aos quais os textos se referem” (GILL, 2002, p.255).

As pautas jornalísticas ligadas a *13 Reasons Why* são variadas, passam pela cobertura sobre a vida dos atores que interpretam os personagens da série, até pela quantidade de pessoas que comentaram sobre ela no *Twitter*. Todas elas são relevantes de suas determinadas formas. Mas as matérias selecionadas para o efeito dessa análise são as que tratam da temática desta pesquisa: o suicídio em *13 Reasons Why*.

Todas as matérias selecionadas foram produzidas no Brasil, entre abril e maio de 2017, e tematizaram, além da própria série, o suicídio e assuntos tratados no enredo. A análise se propôs a compreender, a partir da análise de discurso, a relação entre a *13 Reasons Why* e a temática do suicídio nesses meios de comunicação selecionados. Quatro questões foram criadas para nortear a análise: (1) Qual a perspectiva da matéria sobre o suicídio tratado na série? (2) Como a matéria se posiciona sobre o debate da temática suicídio? (3) Quais outros elementos da matéria tem ligação com a série? (4) Quão importante a série foi para a construção da matéria? Lembrando que nossa intenção com as análises foi demonstrar como o silenciamento sobre o suicídio foi representado pela série e como foi tematizado pelos meios de comunicação.

--	--	--

--	--	--

4.2.1 Trip

A primeira matéria selecionada foi “Por que *13 Reasons Why* é uma série irresponsável”, escrita por Marcos Cândido e publicada no dia 10 de abril de 2017. O texto é uma crítica sobre a representação de cenas fortes na série e sobre a romantização do suicídio.

Veiculada no site da revista Trip, a matéria possui perspectivas sobre o suicídio. A primeira é sobre a representação do suicídio na série, o autor escreveu que “é possível dizer que a trama se trata de um longo tutorial, com 13 passos de mais de 50 minutos, para ensinar como e por que escolher pela própria morte”, e afirmou que: “O resultado desse jogo de atração é a influência. ”. A matéria publicada pela Trip afirma que a série erra ao abordar o suicídio como solução para uma série de abusos, e também erra ao representar uma cena de suicídio explícito de acordo com a OMS (2000).

Mas nota que suicídio não é um tema tratado tanto quanto deveria, e isso, como aponta o autor, atrapalha na coleta de dados sobre tema o que limita a criação de programas de prevenção. O texto caracteriza como a série romantiza a cena de suicídio e como isso pode ser errado em vista aos fatos reais que são fatais e podem ser motivados por qualquer exemplo, como a própria série. Enfim, o autor caracteriza *13 Reasons Why* como um objeto negativo que permeia sobre o sensível assunto suicídio.

Cabe a reflexão de que sem a série o assunto não estaria sendo tratado, vista em que é a própria série que é a pauta para o texto de Marcos Cândido, e por ela existem outras discussões no texto. Sem a série, o assunto tabu suicídio não estaria sendo agendado em meios de comunicação. E problemas como o relatado pelo autor Marcos Candido, de que se falar pouco o assunto sobre suicídio fortalece o tema como tabu e atrapalha na coleta de dados para a criação para métodos de prevenção não seriam relatados e nem questionados.

4.2.2 BuzzFeed

A segunda matéria que analisamos foi publicada em 20 de abril de 2017, no site BuzzFeed, de autoria de Davi Rocha o nome é: “14 coisas que os voluntários do CVV gostariam de te dizer”, o subtítulo é “Ouvir pode ser mais importante do que aconselhar”. São 14 pontos comuns em falas anônimas de voluntários do CVV (Centro de Valorização da Vida). A matéria mostra que o atendimento do CVV cresceu 445% após o lançamento de *13 Reasons Why* (31 de março de 2017) até a semana de publicação da matéria no BuzzFeed (20 de abril de 2017).

--	--	--

--	--	--

Rocha apontou dados noticiosos e produziu um perfil de acordo com a entrevista feita com os voluntários do CVV. O suicídio é tratado logo no início quando o autor explica que o CVV é um “atendimento gratuito de apoio emocional e prevenção ao suicídio”. Além disso, dentre os 14 pontos levantados pela matéria, o termo “coisas” enunciado no título, o suicídio é tratado em três: no ponto 5: “ E muitas pessoas falam, sim, claramente que vão se matar”; no ponto 11: “Nem sempre as pessoas que ligam pensam em suicídio: às vezes elas só estão nervosas”; e no ponto 13: “Uma conversa realmente pode evitar que uma pessoa tire a própria vida. ”.

O suicídio de *13 Reasons Why* é relatado na matéria: “em que a personagem principal se suicida e deixa 13 fitas para cada motivo de seu suicídio” e relata que a série é o motivo pelo aumento de 445% nos atendimentos feitos pelo CVV. O texto construído mostra sensibilidade ao tema suicídio, ele é tratado de forma delicada, e colocada até de forma indireta. Os pontos colocados na matéria soam como pistas para caracterizar uma pessoa que esteja passando por problemas. Assim, o leitor poderia se identificar, reconhecer uma pessoa próxima ou apenas se interessar com essas pistas, além de outras interpretações possíveis.

A matéria aponta a série como o motivo da procura de ajuda via atendimento, apesar de nenhum dos 14 pontos voltar a falar da série. Evidentemente, o aumento de mais de quatro vezes no atendimento pelo CVV vez com que o suicídio fosse debatido, relatado e tratado como pauta. *13 Reasons Why* foi importante para procura de ajuda de acordo com a matéria, para o agendamento do suicídio. A tematização de *13 Reasons Why* e do suicídio feita pelo autor gera discussão.

4.2.3 Estadão

Publicada em 24 de abril de 2017 a matéria “Universidade barra atletas bolsistas que já cometeram assédio sexual” é a terceira a ser analisada. Publicada na página Estadão e produzida pela redação, o texto gira em torno da notícia de que a Universidade Bloomington de Indiana nos Estados Unidos adotou uma nova política de não aceitar nenhum aluno ou ingressante que tenha sido considerado culpado.

A relação entre *13 Reasons Why* e a notícia não é aparente até o último parágrafo. De acordo com o autor do texto, mesmo sem ligação direta confirmada, a medida adotada pela universidade ocorreu pouco tempo depois do lançamento da série, *13 Reasons Why*, que debate

--	--	--

--	--	--

sobre “suicídio após casos de assédio e violência sexual” como é apontado no texto publicado no Estadão.

O texto não propõe claramente uma discussão sobre o suicídio, mas o tema “assédio sexual cometido por atletas que estão ou ingressaram na universidade” recebe atenção e se encaixa nas características da tematização como um tema selecionado pelo jornalista para receber espaço de discussão na sociedade. O suicídio recebe atenção no fim da matéria quando relacionado de fato com o assédio e violência sexual contidos na série.

A perspectiva da matéria sobre o suicídio é exclusiva ao fato existente na série, e como a morte de Hannah teve importância, de acordo com o texto publicado, para a ação feita pelo instituto de ensino de Indiana. *13 Reasons Why* não é o foco, mas o texto deixou claro que a série teria influenciado na decisão tomada pelos líderes da Universidade Bloomington.

Além disso, a decisão tomada em uma universidade fora do Brasil foi tematizada para o público brasileiro pela relevância da série na discussão temas como abuso sexual. A identificação do público com a matéria tem ligação com a audiência de *13 Reasons Why*. De acordo com o texto publicado pelo Estadão, sem a série a decisão da universidade poderia não ter sido tomada naquela determinada época, mas como coloca o autor, essa informação não é confirmada. Sem *13 Reasons Why*, a matéria e a discussão levantada pelo texto não seriam tematizados.

4.2.4 Folha de S. Paulo

“Médicos se preocupam com retrato do suicídio em série da Netflix” é a matéria publicada no caderno Equilíbrio e Saúde no site do jornal Folha de São Paulo. Escrito por Phillipe Watanabe e publicado em 12 de abril de 2017, é a quarta matéria que foi analisada. O texto coloca em questão especificamente o tema suicídio na série e sobre o fato de existir indicações feitas sobre como retratar o suicídio pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e como *13 Reasons Why* não seguiu tais indicações.

O autor aponta a preocupação de especialistas que indicam um risco de imitação (pessoas se basearem na série para cometer suicídio), e destaca a orientação da OMS de que “a veiculação de conteúdos relacionados ao suicídio, não se deve tentar atribuir culpas”, o que contraria a descrição de *13 Reasons Why* feita no texto: “Na história, a personagem aponta os motivos (como *bullying* e estupro) e as pessoas ‘culpadas’ pelo ato.”. O texto faz outras indicações

--	--	--

--	--	--

negativas da série, como a problemática levantada por especialistas consultados pelo Jornal Folha de S. Paulo, que criticam a romantização do suicídio e a cena explícita de suicídio na série.

O autor, Phillippe Watanabe, coloca no texto o ponto de vista e a justificativa da Netflix por meio da gerente de comunicação do Brasil, Amanda Vidigal, que afirma que a cena feita na série é inspirada na cena contada no livro homônimo que foi adaptado para a série, que a abordagem da cena foi discutida na equipe de consultores de saúde para a série.

O texto do site da Folha de S. Paulo propõe também a reflexão sobre o tema suicídio e lista “Sinais de Alerta” para ajudar o leitor a reconhecer casos de pessoas, como familiares e amigos, que sofrem de depressão e pensam em suicídio, além de esclarecer mitos sobre pessoas que podem cometer suicídio e sobre o próprio suicídio. Esses “Sinais de Alerta” acompanhado dos “Mitos em relação ao suicídio” e dos “Telefones e sites de ajuda” são colocados na parte final do texto e funciona como uma cartilha de informação sobre o tema.

O texto questiona as intenções de *13 Reasons Why* com a representação do suicídio, retrata a importância do cuidado que deve se ter com um tema tão delicado e como a Netflix não considerou, ou ignorou as indicações sobre o suicídio na mídia. O suicídio é tematizado como um assunto delicado, mas que merece atenção. Apesar de o texto colocar em prova os perigos apresentados em *13 Reasons Why* ainda é colocado a importância da série sobre o debate sobre suicídio, de acordo com os especialistas entrevistados pelo autor: “mesmo errando bastante a mão em alguns pontos, a série pode incentivar a conversa e a observação do entorno para sinais de alerta”. Essa fala esclarece o ponto crucial em que a série foi importante para o debate do suicídio na própria matéria.

Então, *13 Reasons Why* possui o valor descrito no texto, a série gera a discussão nos meios de comunicação pelo agendamento, além de proporcionar esclarecimentos sobre o tema suicídio, como a cartilha colocada no final do texto publicado no site.

4.2.5 Aliás

O quinto texto analisado é uma coluna para o caderno Aliás do site Estadão. “Série da Netflix aborda muito mais do que suicídio” foi escrita por Felipe Cherubin em colaboração com o site, sendo publicada em maio de 2017. O subtítulo da matéria resume bem o que o texto propõe: “Próxima a ‘Kids’ e ‘Trainspottin’, ‘13 Reasons Why’ exercita a empatia do espectador”.

--	--	--

--	--	--

O autor compara *13 Reasons Why* com dois filmes, considerados por ele, marcantes e importantes para a época. Enquanto *Kids*, de 1995, narra a história de jovens que vivem sob as polêmicas e problemas da pandemia da Aids e sob o abuso do uso de drogas. *Trainspotting* conta a história de um grupo de amigos que são viciados em heroína e tentam superar o desemprego, o vício em drogas e os relacionamentos.

De acordo com Felipe Cherubin (2017), esses filmes são relevantes por retratar a realidade de parte da juventude que representa a “luta descontrolada entre Eros e Tânatos” de uma geração. Eros e Tânatos é um termo da psicanálise utilizado pelo autor para explicar a luta por impulsos entre a vida e a morte, o amor e o ódio e a sexualidade e a agressividade. Essa realidade não é sempre retratada.

Então, no texto é questionado: “*Trainspotting* e *Kids* falam da escória da sociedade? ”. Lembrando que “escória” na sentença acima possui o significado de: camada desfavorecida da sociedade. A interrogação tem a seguinte resolução: “Talvez essa resposta esteja na série *13 Reasons Why*”. O autor segue explicando pontos relevantes da série. Como os sinais depressivos e de transtorno psiquiátrico de Hannah Baker que foram ignorados pelos personagens na narrativa da série. O impacto sentido por Clay Jensen em cada fita que ele escutava traça uma consciência moral e a luta por justiça pelos crimes cometidos contra Hannah. Cherubin escreveu sobre a incapacidade de comunicação entre os personagens e instituições da série, como o colégio e as famílias. Afirmação que faz parte da proposta deste trabalho.

O autor cria um grande significado para *13 Reasons Why* como uma série que expõe a realidade dessa geração que nasceu e foi absorvida pela revolução tecnológica, geração que inverte prioridades sociais e vive com a falta da educação afetiva e com a deficiência de inteligência emocional. A realidade ficcional contida em *13 Reasons Why* é sobre uma jovem que convive com problemas como o estupro, a violência, o abuso do uso de drogas e de bebida alcoólicas e o *cyberbullying*, e não debate sobre esses problemas por causa da alienação pelo desamor ao próximo. Então, o autor apresenta uma perspectiva até contraditória, de acordo com as análises feitas anteriormente, sobre o suicídio tratado na série: “*13 Reasons Why* não é uma série sobre ‘suicídio’, mas sim sobre nosso papel íntimo e singular diante dos rumos da humanidade e como nos esquecemos de amar uns aos outros.”

O texto defende um ponto de vista importante para produções de cunho polêmico que buscam debater temas tabus ao comparar *13 Reasons Why* com outros filmes, considerados pelo autor relevantes para a discussão de temas que ficavam a mercê do que é era visto pelos

--	--	--

--	--	--

espectadores tradicionalmente. Apesar de conversar sobre suicídio não ser o foco dessa matéria, Cherubin coloca no seu texto a perspectiva que a representação do suicídio é um assunto relevante para nossa geração, além de todos os pontos levantados, como diz no próprio título da matéria. *13 Reasons Why* vai além do suicídio de Hannah e aborda todo um contexto que relaciona espaços como família, escola, internet e festas com violências como o *bullying*, abuso sexual, estupro e o próprio suicídio.

Quando o autor questiona se os filmes *Trainspotting* e *Kids* falam da escória da sociedade, e depois afirma que a resposta talvez esteja em *13 Reasons Why* levanta o seguinte ponto: “o que é escória da sociedade e que isso significa?”. Como colocado anteriormente escória, no sentido em que está no texto, significa pessoas que são consideradas inferiores na sociedade. Esse termo, usado popularmente, pode ser descrever assassinos, estupradores, usuários de drogas e pessoas violentas. *13 Reasons Why* então responde o questionamento negativamente, os filmes não são sobre a escória da sociedade, como se o que acontece de ruim (violências, bullying, abuso sexual, estupro e suicídio) só acontecesse em determinada parcela da sociedade. A série da Netflix expõe as violências, os abusos e as problematizações que estão na sociedade em vários níveis e atinge ambientes como a escola, a família e até a festa de um colega da escola.

Ao colocar *13 Reasons Why* como a série que “tem todos os elementos para ser um marco geracional”, o autor revela a importância que a série tem para gerar discussões relevantes, como o agendamento da série feito no próprio texto.

--	--	--

--	--	--

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo conclui que os produtos audiovisuais e o jornalismo são meios importantes para a evolução social. Em *13 Reasons Why*, o fenômeno do silenciamento em torno da vida traumática da protagonista Hannah Baker, que envolve bullying, abuso sexual, estupro e o suicídio, revelou a identificação das pessoas com o tema central da série, o suicídio. O aumento de mais de 400% no atendimento da Central de Valorização à Vida (CVV) no Brasil (ROCHA, 2017), e a série chegou a ser o assunto mais comentado no Twitter com o uso da *hashtag* “#NaoSejaUmPorque”.

A tematização, trabalho feito pelo jornalismo, que seleciona e escolhe temas que serão transformados em notícias, leva em consideração os critérios de noticiabilidade levantados por Traquina (2013). A amplitude alcançada pela série, a mensagem forte e significativa contida no enredo, a personalização e à vida dramática de Hannah (que gera a identificação do público), o alcance e a representação de classes de “elite” de *13 Reasons Why* envolvem as características dos critérios de noticiabilidade necessários para a tematização e o agendamento da série.

De acordo com a análise, fica concluído que o silenciamento e a espiral de silêncio contida no enredo da série permitiram uma consciência coletiva sobre a saúde mental de jovens e adolescentes que se sentiam silenciados por imaginarem fazer parte de uma minoria. A quebra do silenciamento acontece quando a minoria, até então, encontra forças em quem estava silenciado antes, tornando-se assim maioria (NOELLE-NEUMANN, 1974).

Os tabus saem da série e ganham espaço público de debate por meio de um trabalho de tematização realizado pelo jornalismo. A tematização do suicídio e dos outros temas tabus tratados na série são reflexo da quebra da espiral do silêncio. Se dentro da série os temas suicídio, abuso sexual, bullying, estupro são tabus e os personagens não conversam sobre isso, nos meios de comunicação de massa, o tema ganha espaço e gera discussão.

Na análise, desenvolvida para compreender a espiral do silêncio nos principais episódios da *13 Reasons Why*, aponta interpretações na série que apresentam problemas sociais reais: a falta de educação sexual e afetiva, o uso de bebidas alcoólicas e drogas por adolescentes, a violência contra mulher, o machismo, a depressão, os problemas de saúde mental são assuntos tratados na série, o que explica a complexidade da escolha do tema suicídio. A Netflix produziu uma série para o público jovem que problematiza a realidade da juventude e da adolescência, gerar a discussão é o que a série propõe.

--	--	--

--	--	--

A análise feita para identificar a tematização de *13 Reasons Why* e o agendamento dos assuntos tabus tratados na série aponta os diversos tipos de angulações sobre os assuntos tratados. Textos que mostram como o trabalho jornalístico é feito. Pontos positivos e negativos são atribuídos a construção do enredo de *13 Reasons Why*.

O silenciamento presente em *13 Reasons Why* possui inspiração na realidade, gera identificação com o público e relevância no meio social (por meio das redes sociais). Essas características se encaixam nos critérios de noticiabilidade, e os agentes da notícia, os jornalistas, tematizam a série e agendam nos meios de comunicação os temas envolvidos em *13 Reasons Why*. A espiral do silêncio dá espaço à discussão de assuntos considerados tabus, fortalecendo a evolução de significados desses temas.

Este trabalho não pretende confirmar que abordagens de temas tabus em produções audiovisuais sempre causaram agendamento em matérias jornalísticas. Ou que a escolha da Netflix em ir contra orientações da OMS sobre precauções que envolvem o tema suicídio foi de forma totalmente positiva ou negativa para sociedade. Esta pesquisa analisa como a comunicação permeia por instituições políticas, midiáticas, jornalísticas e sociais e como isso reflete na discussão de significados atribuídos a assuntos presentes nessas instituições.

--	--	--

--	--	--

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Nate. **Netflix offers streaming movies to subscribers**. ArsTechnica, 16 jan. 2007. Disponível em: <<http://arstechnica.com/uncategorized/2007/01/8627/>> Acesso em: 08 nov. 2018

CANDIDO, Marcos. **Por que 13 Reasons Why é uma série irresponsável**. 2017. Disponível em: <8HtsDK43jYCce_zlTZmIjxdqP1BPRJgJnq3mAftyEY>. Acesso em: 26 nov. 2018.

CARVALHO, Julia. **Como o Netflix baterá a marca de US\$ 100 milhões de lucro**. Exame, 7 jan. 2014. Disponível em:<<http://exame.abril.com.br/negocios/noticias/como-o-netflix-batera-a-marca-de-us-100-milhoes-de-lucro>> Acesso em: 05 jun. 2015

CHERUBIN, Felipe. **Série da Netflix aborda muito mais do que suicídio**. 2017. Disponível em: <https://alias.estadao.com.br/noticias/geral,serie-da-netflix-aborda-muito-mais-do-que-suicidio,70001763582?fbclid=IwAR3_bg8xD-lrPyKDrUcYzvjdazYvF74ODUkvlx_gCO98iz6yINf3B2Pk9Y>. Acesso em: 26 nov. 2018.

ESQUENAZI, Jean-Pierre. **As series televisivas**. Lisboa: Editora Texto & Grafia, 2010.

GILL, Rosalind. Análise de Discurso. In: BAUER, M. W; GASKELL, G. (Orgs.) (2002). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. (P. A. Guareschi, Trad.). Petrópolis: Vozes (Original publicado em 2000).

HAGEMEYER, Rafael Rosa. **História & Audiovisual**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

LADEIRA, João Martins. Audiovisual, televisão, *streaming*: uma exploração de de suas formas e estratégia. In: **Operações de mediação: Das máscaras da convergência às críticas ao tecnodeterminismo**. Santa Maria 2016

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Editora Senac, 2000.

NOELLE-NEUMANN, E. **The Spiral of Silence: A theory of public opinion**. Journal of Communication, 24(2), 1974, p. 43-51.

--	--	--

--	--	--

<IwAR3dPlQWlzzGjwvq3_CogEEsoBSwSLVHa4VFPilieOdhIYhGZmVPz918cJI>. Acesso em: 26 nov. 2018.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Presença, 5. ed. 1987

--	--	--

ANEXO A – Por que 13 Reasons Why é uma série irresponsável

Disponível em:

https://revistatrip.uol.com.br/tpm/13-reasons-why-netflix-selena-gomes-cvv-centro-de-valorizac-ao?fbclid=IwAR05VqW0FY2Qmwgj-8HtsDK43jYCce_zlTZmIjxdqP1BPRJgJnq3mAftyEY



COMPORTAMENTO / MORTE / TELEVISÃO

É verdade que falamos pouco sobre suicídio. A série enfrenta o tema, embora ainda falte cuidado na hora de retratar o sistema opressor que termina nessa trágica realidade.



POR **MARIANA G. ALMEIDA** 20.04.2017

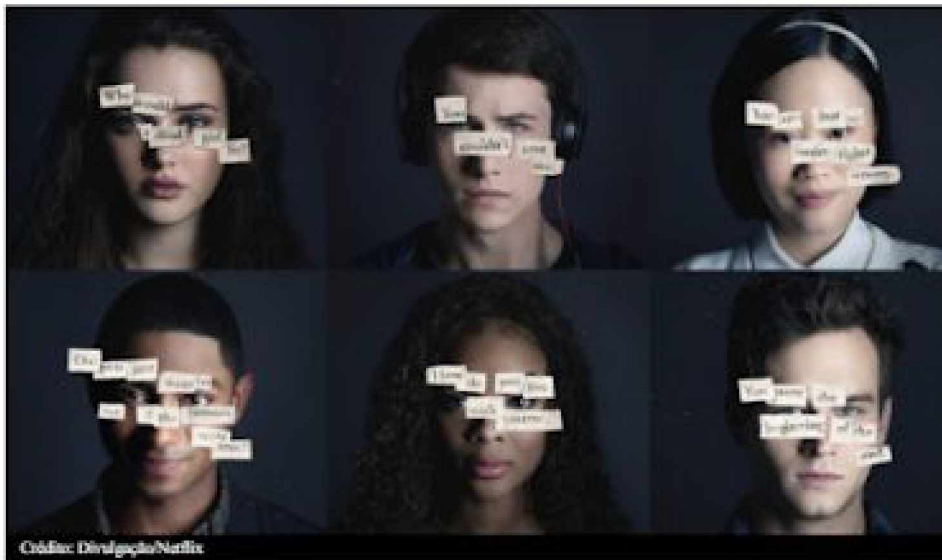


Não é papel da ficção sanar um problema de saúde pública ou evitar temas espionhosos. É talvez aí que *13 Reasons Why* começa errando ao ser irresponsável ao tratar do suicídio entre adolescentes.

À esta altura você já deve saber que a série, produzida pela Netflix, conta a história de Hannah Baker, uma colegial americana que comete suicídio. Em vez da habitual carta por escrito, a garota deixa 13 fitas que apontam os culpados pela sua morte. Há, ao menos nas entrelinhas, a intenção de tentar discutir os efeitos colaterais do bullying, homofobia, misoginia e violência sexual em uma colegial. Esse objetivo é buscado por um bom e velho festival de clichês. O nerd é o cara sensível que não recebe o devido reconhecimento dos pais ou da garota bonita; um dos primeiros bullies é o bonito vestido com uma jaqueta *college* e a protagonista é a vítima de bom coração. Os episódios se alternam e seguem uma lógica comum nos seriados da plataforma. Prolongar a trama e, no fim de cada episódio, adicionar um suspense que continua no próximo episódio. Em uma camada talvez menos fácil de ser identificada, é possível dizer que a trama se trata de um longo tutorial, com 13 passos de mais de 50 minutos, para ensinar como e por que escolher pela própria morte.

LEIA TAMBÉM: Mulheres tentam mais suicídio do que os homens - e precisam falar disso

--	--	--



O primeiro argumento é querer apresentar uma sobriedade à leitura de Hannah. Ela cria essa espécie de game intrigante, bem calculado, que apresenta o suicídio como o único resultado de uma equação justa. Não é à toa que o jornalismo, a publicidade, o cinema, o rádio e a literatura usam recursos estilísticos semelhantes para atrair o leitor. Recortamos a cronologia, acrescentamos elementos que aproximam você do personagem e apresentamos a parte mais agradável. O resultado desse jogo de abação é a influência.

Após 50 Tons de Círculo, praticantes de **BDSM** (Bendagem, Disciplina, Dominação, Submissão, Sadismo e Masoquismo) me contaram que calibres pipocam no meio. Com o romance *Dagui a Camélia*, publicado em 1836, milionários norte-americanos começaram a se preparar para o apocalipse descrito pelo autor Edward Bellamy. O livro *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, de 1774, foi culpado por um surto de suicídios quando publicado na Alemanha. Hannah cria, com seu jogo, um romance com a própria morte. Neste caso, é inevitável evitar romantizar o suicídio.

Nosso cérebro funciona de forma episódica e é por isso que consumimos tanta ficção. Lembramos apenas do mais trágico ao mais alegre. Em *13 Reasons Why*, a protagonista elabora um espetáculo chocante com intuito de ficar para sempre na lembrança das pessoas ao redor. É como se ela recortasse episódios trágicos até ter, como produto final mais agradável, a própria morte. O suicídio de Hannah não sugere a cessão de uma dor lacerante, mas de uma vingança bem intencionada. Tudo isso em uma trilha sonora embalada por *Hey Hey* de Neil Young (citada na carta de suicídio de Kurt Cobain) e *Love Will Tear Us Apart*, cantada por Ian Curtis, vocalista do Joy Division que se matou em 1980. No ar paira uma cultura suicida muito insipiente para se seguir.

Na vida real, é fato que mulheres vítimas de abusos sexuais tentam se matar mais do que aquelas que não passaram por tamanha brutalidade. *13 Reasons* era, porém, ao sugerir que a maneira para lidar com episódios repetidos de abuso psicológico, sexual e a indiferença seja o suicídio. Outro erro é apresentar um passo-a-passo sobre como cortar os pulsos, como mostrado em um dos episódios. **Os cineastas defendem a exibição de cenas explícitas***, afirmando que, ao não apresentá-las seria como "esconder" uma realidade. Parece sobre no caso defendido, mas a postura no caso suicida vai contra as indicações dadas pela **Organização Mundial da Saúde** e se une a outros fatos. Mulheres tentam se matar mais do que homens, apesar de morrerem menos do que eles. O motivo? Não sabe *como*. Mas não se preocupe. A Netflix te ensina a como cortar os pulsos de forma eficaz nessa superprodução bancada por Selena Gomez.

--	--	--

ANEXO B – 14 coisas que os voluntários do CVV gostariam de te falar

Disponível em:

<https://www.buzzfeed.com/davirocha/coisas-que-os-voluntarios-do-cvv-gostariam-de-te-dizer?fclid=IwAR3dWCIFerIrvYlkxKAqwl6bwCPeQ40opXKwL608Jo4p8XxtHG33ndTEgcU>

BuzzFeed News Testes Menu Pesquisar

14 coisas que os voluntários do CVV gostariam de te dizer

Ouvir pode ser mais importante do que aconselhar.

publicado 20 de Abril de 2017, 6:28 p.m.

 **Davi Rocha**
Equipe BuzzFeed Brasil



O CVV (Centro de Valorização da Vida) oferece atendimento gratuito de apoio emocional e prevenção do suicídio. De acordo com o site da associação, são cerca de 1 milhão de pessoas atendidas por voluntários todo ano.

Nas últimas semanas, o número de atendimentos cresceu 445% após a série "13 Reasons Why", em que a personagem principal se suicida e deixa 13 fitas para cada motivo de seu suicídio.

Perguntamos a voluntários do CVV como funcionem os atendimentos e o que mais eles gostariam de dizer sobre o trabalho no centro. Todas as respostas são anônimas e as melhores estão neste post.



Sidaign78 / Getty Images

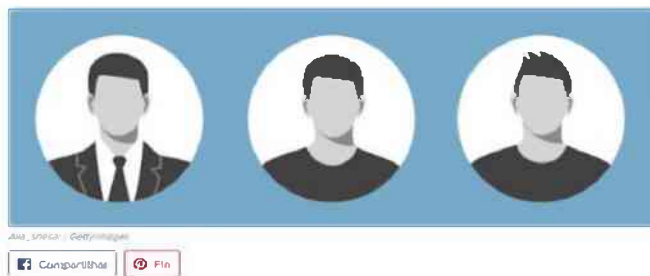
 Compartilhar  Pin

PUBLICIDADE



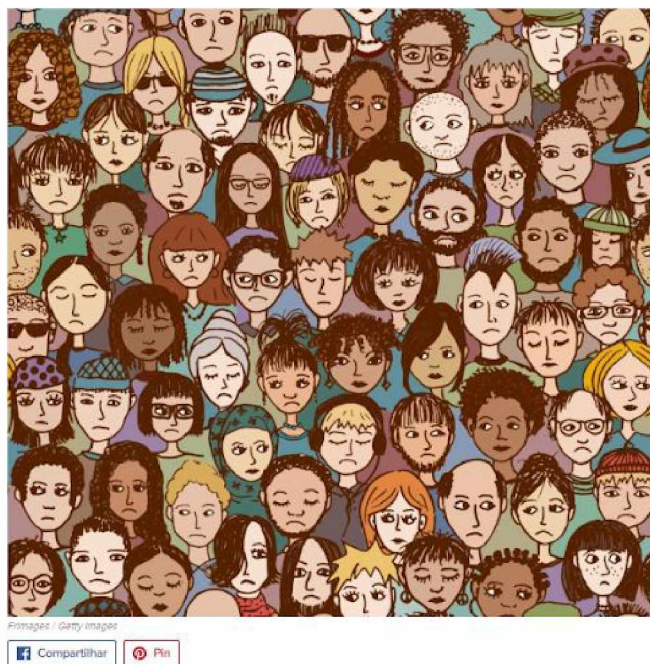
1. No CVV todo mundo é voluntário. E cada atendente trabalha cerca de 4 horas por semana, mas há quem trabalhe mais que isso.

--	--	--



3. Os voluntários não têm qualquer tipo de contato com quem liga a não ser o próprio atendimento.

Ele se restringe ao contato feito no momento do plantão. Não há conversa depois, troca de perfis de redes sociais ou números de telefone.



4. Muitas pessoas que procuram o CCV estão cercadas de gente e, mesmo assim, se sentem sozinhas.

"Aprendo sempre com os atendimentos que faço, e me impressiona sempre a pessoa estar cercada de pessoas e se sentir so. A ajuda que oferecemos é compreensão pelo que a pessoa está sentindo e passando. Tento sempre ajudar compreendendo o mundo da pessoa e a situação que ela vive", disse ao BuzzFeed Brasil um dos voluntários.

2. Nos atendimentos o anonimato é sempre garantido.



--	--	--

--	--	--

5. E muitas pessoas falam, sim, claramente que vão se matar.

"Atendimentos em que a pessoa liga e fala claramente que vai se matar sempre marcam. Nesse momento a gente respira fundo e calmamente e inicia uma longa conversa sobre a vida dela, sobre como ela se sente e como tem sido lidar com a dor que ela tem."

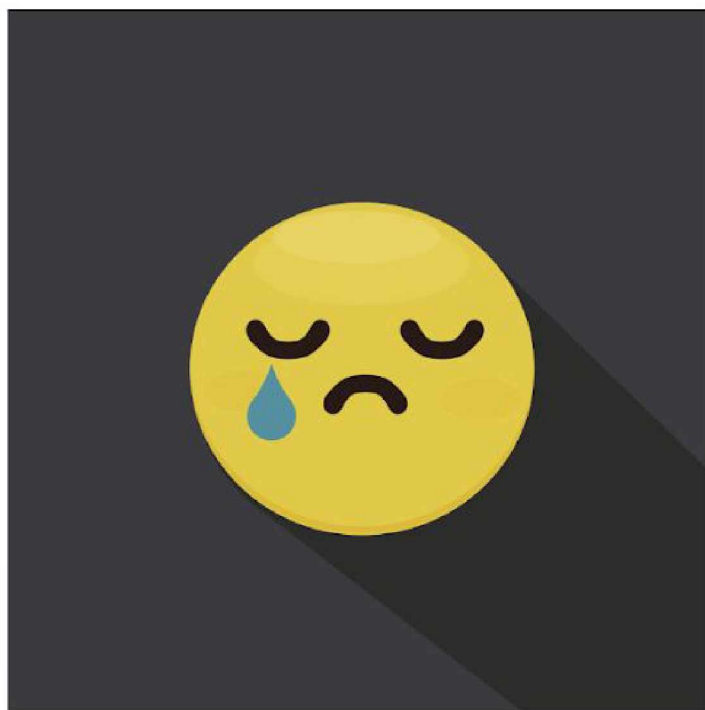
6. Mas algumas ligam porque sofrem de solidão ou procuram alguém para compartilhar o que acontece no dia. Os atendentes compartilharam com a gente alguns dos casos mais marcantes para eles:

"Um atendimento marcante foi de uma pessoa idosa que morava sozinha e se sentia extremamente só. Ela ligou para ouvir um simples 'boa noite' de alguém, como se fosse só para se sentir viva. Depois acabou conversando um pouco."

"A ligação que mais me marcou foi da pessoa que ligou, pegou um violão e queria mostrar as músicas que compôs."

"Uma pessoa falou que estava em um hospital com uma doença em estado avançado e queria alguém para compartilhar seu momento."

"A ligação que mais me marcou foi de uma pessoa que pela primeira vez fez um bolo que deu certo, mas que teria que comer sozinha porque não tinha com quem dividir."



Unsplash / Getty Images



Compartilhar



Pin

7. As ligações podem ser silenciosas.

"As ligações silenciosas são as que mais marcam, pois desta forma trabalhamos também nossa ansiedade como voluntário. Ajudo acolhendo, aceitando, respeitando e compreendendo a dor."

8. Ouvir pode ser mais importante do que aconselhar.

"Uma coisa muito importante que aprendi no CVV, e que trago para a minha vida, é não aconselhar. Cada um tem uma história, criação e maneira de enxergar o mundo que é muito própria. Não me sinto em condições de dar algum conselho, pois minha visão a respeito do assunto sempre será limitada. Além do mais, o que é bom para mim não necessariamente será bom para o outro. O que posso fazer é acolhê-lo, ouvi-lo, respeitá-lo, para que, ao falar e reduzir a pressão, ele mesmo se ouça e tire suas próprias conclusões."

--	--	--

--	--	--



9. A maioria dos casos está relacionada a perdas (saúde, dinheiro, emprego, amigos, parceiros).

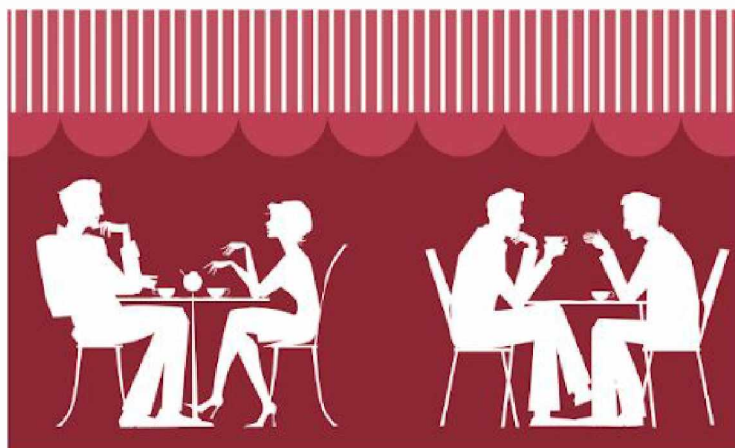
"Em todas as situações me coloco a disposição para conversarmos. O objetivo é criar um clima favorável para que a pessoa desabafe, aliviando aquele sofrimento agudo do momento, com respeito, atenção, sem subvalorizar o seu sofrimento, de maneira que ela possa tomar as decisões que julgar melhores para seguir adiante".

10. Às vezes as pessoas ligam por engano, mas aproveitam para desabafar.

"As ligações mais marcantes são das pessoas que ligam por engano, descobrem que ligaram para o CVV sem querer e aí começam a desabafar".

11. Nem sempre as pessoas que ligam pensam em suicídio: às vezes elas só estão nervosas.

"Uma pessoa ligou 'por engano' para nós querendo atendimento para um acidente de trânsito que havia sofrido, e com o acolhimento pôde desabafar e se acalmar com o ocorrido".



vanoe_g / Getty Images

[Compartilhar](#) [Fim](#)

12. Tem gente que pede para fingir situações.

"Uma vez uma pessoa pediu para ser atendida como se estivessemos sentados em um bar, jogando conversa fora. Foi o jeito que ela encontrou de se sentir mais a vontade".

--	--	--

--	--	--

--	--	--

--	--	--



John Terrel - Getty Images



13. Uma conversa realmente pode evitar que uma pessoa tire a própria vida.

"Era madrugada e um jovem disse que estava pensando em suicidar-se, por isso liguei. Eu atendi com respeito e ouvi suas lamentações. Foi o suficiente para ele desligasse já não pensando mais em suicídio."

14. Os voluntários se sentem muito gratos pela confiança que as pessoas aprendem a lhes dar.

"Eu me sinto agradecida a cada pessoa que liga para compartilhar comigo um pouco de sua história. Sou grata pela confiança que o outro deposita em mim, quando percebe que pode ser ele mesmo, que pode falar sobre tudo aquilo que é importante para ele, sem medo, vergonha ou uso de máscaras".

--	--	--

--	--	--

ANEXO C – Universidade bane alunos que já cometeram assédio sexual

Disponível em:

<https://emails.estadao.com.br/noticias/comportamento,universidade-bane-alunos-que-ja-cometeram-assedio-sexual-das-atividades-esportivas,70001749733?fbclid=IwAR05owBqcoa0Xc-DFeCEjVD2wJbis8QQleMz5yiPUi5oJqG2I9W4yw4Jlkk>

--	--	--



Universidade barra atletas bolsistas que já cometeram assédio sexual

REDAÇÃO - O ESTADO DE S. PAULO

24/04/2017, 11:37



Iniciativa é da Universidade Bloomington de Indiana, nos Estados Unidos



Alunos com passado de violência doméstica ou assédio não poderão participar de práticas esportivas ou competições Foto: Wikimedia/ Pixabay

Com o objetivo de combater o assédio sexual no campus, a Universidade Bloomington de Indiana, nos Estados Unidos, adotou uma nova política: nenhum aluno que já tenha cometido crimes do tipo poderá ingressar na universidade como atleta bolsista.

LEIA TAMBÉM:

- 1 13 - machistas - reasons why
- 2 Ator de "Os 13 Porquês" é hostilizado por conta de seu personagem

O departamento de esportes irá investigar cada caso de alunos envolvidos em assédio ou violência doméstica e os barrará de qualquer atividade atlética, seja prática ou competição.

A nova regra será aplicada para todos os estudantes das universidades que tentem entrar como bolsistas por

serem atletas, sejam transferidos, alunos novos ou mesmo do último ano, que já foram considerados culpados.

Apesar de não haver confirmação sobre a relação, a medida surge depois da série *13 Reasons Why*, que trata sobre suicídio após casos de assédio e violência sexual, ganhar espaço na sociedade. A produção também incita o debate sobre alunos que ganham bolsa por seu desempenho esportivo, mas não têm histórico social adequado.

ANEXO D: Médicos se preocupam com retrato de suicídio em série da Netflix

Disponível em:

https://www1.folha.uol.com.br/eqilibrioesaude/2017/04/1874810-medicos-se-preocupam-com-retrato-de-suicidio-em-serie-da-netflix.shtml?fbclid=IwAR3dPIQWlzzGjwvq3_CogEEsoBSwSLVHa4VFPilieOdhIYhGZmVPz918cJI



Médicos se preocupam com retrato de suicídio em série da Netflix



Clay (Dylan Miners) e Hannah (Katherine Langford) são amigos na série '13 Reasons Why'

PHILIPPE WATANABE
DE SÃO PAULO

12/04/2017 @ 02h00



A recém-lançada série "13 Reasons Why" (algo como 13 razões pelas quais), da Netflix, caiu na boca do povo por abordar temas polêmicos como suicídio. Contudo, o modo como a trama é conduzida tem preocupado médicos.

Também conhecido pela abreviação "13rw", o seriado, baseado no livro homônimo lançado em 2007, conta a história de Hannah Baker, uma adolescente que se suicida. Na história, a personagem aponta os motivos (como bullying e estupro) e as pessoas "culpadas" pelo ato.

Segundo a OMS (Organização Mundial da Saúde), quando o assunto é veiculado ao público de modo adequado, pode ocorrer o efeito de prevenção de mortes e discussão saudável. Por outro lado, quando feito de modo descuidado – como muitos avaliam ser o caso –, o resultado pode ser exatamente o oposto.

A preocupação dos especialistas é que o seriado possa causar um efeito de imitação no mundo real, conhecido como "efeito Werther", nome inspirado no protagonista do livro "Os Sofrimentos do Jovem Werther", de Goethe, publicado em 1774. A popularidade da obra, cujo personagem se mata em decorrência de um amor impossível, desencadeou na Europa uma série de suicídios.



--	--	--

--	--	--

Para Neury Botega, professor da Unicamp e fundador da Abeps (Associação Brasileira de Estudos e Prevenção do Suicídio), um dos problemas da série é a ideia de apontar os culpados. "O suicídio é um fenômeno complexo e bastante para não suportar uma explicação simplista, uma causa e efeito", afirma.

Segundo recomendações da OMS para a veiculação de conteúdos relacionados ao suicídio, não se deve tentar atribuir culpas.

Outra questão problemática levantada por especialistas ouvidos pela **Folha** e também por participantes de grupos de discussão sobre a série é a romantização do suicídio. A história da adolescente contada no pós-morte já traz esse elemento, de acordo com Luís Tófoli, professor de psiquiatria da Unicamp.

Mas a cena mais perigosa da série, segundo os médicos, é a que mostra o suicídio.

"É sensacionalismo deletério, prejudicial para os jovens", diz Alexandrina Meleiro, coordenadora da comissão de estudo e prevenção de suicídio da ABP (Associação Brasileira de Psiquiatria).

Segundo a OMS, não se devem mostrar métodos ou imagens de suicídio. A preocupação é com adolescentes vulneráveis, que podem estar enfrentando problemas ou doenças mentais como a depressão. "A série pode, sim, mobilizar uma pessoa que está muito vulnerável para um ato autoagressivo", diz Botega.

Botega afirma que, ao fim de cada episódio, seria adequado a série destinar alguns poucos minutos para uma fala mais real sobre o assunto, sobre modos de buscar ajuda e pessoas que superaram os problemas presentes.

Segundo Amanda Vidigal, gerente de comunicação da Netflix no Brasil, a série é uma adaptação do livro, no qual essa cena é descrita detalhadamente. "A abordagem foi discutida entre a equipe e consultores na área de saúde. Houve todo um cuidado de tratar um tema sensível com seriedade e autenticidade. São cenas fortes, gráficas, mas é preciso mostrar o quanto aquilo é doloroso às pessoas."

Os especialistas afirmam que, mesmo errando bastante a mão em alguns pontos, a série pode incentivar a conversa e a observação do entorno para sinais de alerta.

Segundo o CVV (Centro de Valorização da Vida) –que possui atendimento 24h–, foram recebidos 1.840 e-mails entre os dias 1º e 10 de abril (período próximo à estreia da série). No mesmo período referente ao mês de março foram 635 e-mails.

Segundo Botega, pode ser interessante que pais e filhos assistam juntos ao seriado.

"Essa série coloca o problema na sala de visita das famílias", diz Botega.

★

Sinais de Alerta

Ilustração: Carolina Delfino | Editora de Arte | Folhapress



--	--	--

--	--	--

--	--	--



Fonte: <https://www.arte.com.br>

O que fazer

- não deixar a pessoa sozinha
- tirar de perto armas de fogo, álcool, drogas ou objetos cortantes
- ligar para canais de ajuda
- levar a pessoa para uma assistência especializada

Ilustração Carolina Daffara/Editoria da Arte/Folhapress



de Arte/Folhapress

Alguns pontos de alerta para depressão em adolescentes:

- Mudanças marcantes na personalidade ou nos hábitos
- Piora do desempenho na escola, no trabalho e em outras atividades rotineiras
- Afastamento da família e de amigos
- Perda de interesse em atividades de que gostava
- Descuido com a aparência
- Perda ou ganho inusitado de peso
- Comentários autodepreciativos persistentes
- Pessimismo em relação ao futuro, desesperança
- Disforia marcante (combinação de tristeza, irritabilidade e acessos de raiva)
- Comentários sobre morte, sobre pessoas falecidas e interesse por essa temática
- Doação de pertences que valorizava

Cerca de 90% das pessoas que morrem de suicídio possuíam transtornos mentais. Elas poderiam ser tratadas e acompanhadas

--	--	--

--	--	--

--	--	--

--	--	--

Quem quer se matar, se mata mesmo

Essa ideia pode conduzir ao imobilismo. Ao contrário dessa ideia, as pessoas que pensam em suicídio frequentemente estão ambivalentes entre viver ou morrer. Quando falamos em prevenção, não se trata de evitar todos os suicídios, mas sim os que podem ser evitados.

Veja se da próxima vez você se mata mesmo!

O comportamento suicida exerce um impacto emocional sobre nós, desencadeia sentimentos de franca hostilidade e rejeição. Isso nos impede de tomar a tentativa de suicídio como um marco a partir do qual podem se mobilizar forças para uma mudança de vida.

Uma vez suicida, sempre suicida!

A elevação do risco de suicídio costuma ser passageira e relacionada a algumas condições de vida. Embora a ideação suicida possa retornar em outros momentos, ela não é permanente. Pessoas que já tentaram o suicídio podem viver, e bem, uma longa vida.

Telefones e sites de ajuda:

Centro de Valorização da Vida (CVV): 141

Também é possível entrar em contato e [receber apoio emocional do CVV via internet](#), a partir de email, chat e Skype 24 horas por dia

Fontes: American Foundation for Suicide Prevention; Centro de Valorização da Vida; "Comportamento suicida: vamos conversar sobre isso?", de Neury José Botega, membro-fundador da Associação Brasileira de Estudos e Prevenção do Suicídio; "Preventing Suicide: A Global Imperative", da Organização Mundial da Saúde ★★

--	--	--

--	--	--

ANEXO E: Série da Netflix aborda muito mais do que suicídio

Disponível em:

https://alias.estadao.com.br/noticias/geral,serie-da-netflix-aborda-muito-mais-do-que-suicidio,70001763582?fbclid=IwAR3_bg8xD-lrPyKDrUcYzvjdazYvF74ODUkvlx_gCO98iz6yINf3B2Pk9Y

--	--	--

--	--	--

Próxima a 'Kids' e 'Trainspotting', '13 Reasons Why' exercita a empatia do espectador

Felipe Cherubini*, Colaboração para o Estado
06 Maio 2017 | 16h00



'13 Reasons Why' demonstra a falha na comunicação e ausência de educação sexual na juventude contemporânea Foto: Netflix

O perturbador filme *Kids* (1995), do diretor *Larry Clark*, fez um retrato cruel da adolescência nos anos 90, nos colocando como observadores dos fatos e afastando julgamento de valores e contestação de normas. Cabe ao espectador, então, exercitar sua empatia para compreender as raízes dos eventos, que, de banalidades, passam para um total descontrole, escancarando a invisibilidade absoluta dos personagens que buscam autotranscendência na decadência de sua própria geração.

O filme, considerado um marco cultural, foi produzido pelo cineasta Gus Van Sant, conhecido por obras como *Gênio Indomável* (1997) e *Milk* (2008). Van Sant estenderá essa forma do cinema underground, desta vez como diretor em sua *Trilogia da Morte*, fortemente influenciada pelo cineasta húngaro Béla Tarr. Iniciada em 2002 com *Gerry*, história bem similar ao livro *O Duplo* do escritor russo Fiódor Dostoiévski (1821-1881), é seguida de *Elefante* (2003), relatando o famoso caso de Columbine e *Últimos Dias* (2005), onde acompanhamos Blake (Michael Pitt), um famoso músico antes de cometer suicídio, em alusão à morte de Kurt Cobain (1967-1994). A transmutação da paz em violência compõe o bojo da trilogia, seja pela rivalidade, a alienação, o homicídio ou suicídio e serão marcas registradas de Van Sant. Em 2015, o cineasta volta a esses temas em *O Mar de Árvores*, história de um norte-americano que, inconformado com a morte da esposa, decide tirar a própria vida em viagem à Aokigahara (Japão), local conhecido como "a floresta dos suicidas", localizada aos pés do Monte Fuji.

🔗 **Série da Netflix aborda muito mais do que suicídio**

--	--	--

--	--	--

Nessa jornada, o personagem interpretado por Matthew McConaughey encontra um interlocutor e a viagem acaba sendo uma longa discussão metafísica sobre o valor da vida. No sentido dialético, *O Mar de Árvores* soa como síntese pessoal de Van Sant em relação à sua *Trilogia da Morte*. O filme nos passa a mensagem de que todos os nossos temores, como morte, violência e loucura, são secundários diante do maior dos medos, que o filósofo Søren Kierkegaard (1813-1855) tão bem trouxe à tona: A aniquilação metafísica, verdadeira matriz do terror e da ansiedade.



Cena do filme "Kids", dirigido por Larry Clark em 1995, que pode ter influenciado a série "13 Reasons Why", na Netflix.

Kids retrata uma geração vivendo sob a sombra onipresente da Aids e do abuso de drogas. Uma geração desprovida de qualquer "educação sexual" rendida aos impulsos de prazer e morte rumo ao colapso neurótico, como demonstrado por Sigmund Freud (1856-1939) e, posteriormente, Wilhelm Reich (1897-1957), dissidente da psicanálise. Essa luta descontrolada entre Eros e Tânatos aparece em outro filme dos anos 90, *Trainspotting*, que este ano ganha uma sequência.

Trainspotting e *Kids* falam da escória da sociedade? Talvez essa resposta esteja na série *13 Reasons Why*, recém-lançada pela Netflix em coprodução com a atriz e cantora Selena Gomez, baseada no romance homônimo de Jay Archer (Ed. Ática, R\$ 53) e que vem causando alvoroço na opinião pública. Assim como *Kids*, tem todos os elementos para ser um marco geracional, desta vez da geração dos millennials, grupo social nascido e absorvido pela revolução tecnológica do século 21, onde a internet e os smartphones se tornaram extensões naturais de nosso próprio corpo.

Em determinado momento de *13 Reasons Why*, é lido em sala de aula um trecho do livro *Além do Bem e do Mal*, do filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900) "Aquele que luta com monstros deve acautelar-se para não tornar-se também um monstro. Quando se olha muito tempo para um abismo, o abismo olha para você". E será essa máxima nietzschiana que de fato conduzirá a série.

13 Reasons Why parece nos ludibriar, aparentando, num primeiro instante, uma série sobre suicídio. O suicídio é a tentação da "certeza" pela "mórbida incerteza" de não saber se o amanhã será alegre ou completamente miserável quando o sono passar, e é este o sentimento que acompanha a protagonista Hannah Baker (Katherine Langford), que, antes de se matar, deixa registrado em fitas cassete 13 razões que a levaram ao suicídio. Ao longo da série Hannah não apresenta apenas sinais "depressivos" do seu transtorno psiquiátrico, a verdadeira e ignorada origem de seus atos, mas também uma estranha atração pelo "caos", simbolizada nas recorrentes festas que causam tal fascínio em Hannah, ao ponto de sua capacidade de dizer "não" desaparecer em meio a uma euforia incontornável.

--	--	--

O outro protagonista e narrador Clay Jensen (Dylan Minnette), o “amigo” mais próximo de Hannah, representa na série uma espécie de “consciência moral” e a cada fita ouvida, vai revendo seus conceitos existenciais. Não à toa, Clay em inglês significa “argila” e assim como a argila, o narrador é constantemente impactado por tudo ao seu redor, encarnando o herdeiro da mensagem de Hannah. Em várias situações em que Clay se coloca em risco de morte, a sobrevivência se transmuta em alegria e o amor à vida vai florescendo no coração do jovem tímido que luta para expressar a complexidade de seus sentimentos.

Os ruídos de linguagem são tema importante da série. A incapacidade de comunicação dos afetos são uma das razões da alienação social e desamor ao próximo, refletidas em *13 Reasons Why* por meio de ações triviais como apelidos desprezíveis e comportamentos torpes como estupro, o “stalking”, o “cyberbullying” e, sobretudo, um dos grandes tabus da nossa sociedade, onipresente na série: o abuso de bebidas alcoólicas. Se em *Kids* o grande problema girava em torno da falta de uma “educação sexual”, em *13 Reasons Why* é escancarada a falta de uma “educação afetiva”.

Nem instituições como “família” e “escola” são perdoadas e isso tem seu apogeu no que seja uma das cenas mais fortes da série, quando Sr. Porter, o orientador do colégio, que conversou com Hannah poucas horas antes de seu suicídio, reconhece, em diálogo com Clay, que cometeu um erro crasso, mesmo tendo visto todos os sinais à sua frente: Hannah clamou desesperadamente por ajuda. Na série, o silêncio até das instituições competentes falham, e falham de forma canhestra.

Nós odiamos os outros assim como odiamos a nós mesmos e *13 Reasons Why* nos joga isso na cara. Em tempos que o termo “inteligência emocional” faz parte do nosso vocabulário, estamos longe de sermos emocionalmente inteligentes. Nessa cultura do Zé Ninguém, para citarmos o famoso livro de W. Reich, com um fascismo embutido em nossas entranhas, testemunhamos uma total “inversão de prioridades sociais”, como diz o próprio personagem Clay para Hannah. Contudo, nem o bom rapaz Clay escapará de ser um monstro, já que outra história, paralela a de Hannah, começa a frutificar sem que ninguém se dê conta.

Percebemos em cada personagem de *13 Reasons Why* o quão emocionalmente estupefritos nos tornamos. Interessante notar que todos os personagens, ao desenrolar dos episódios, assumirão propositalmente o protagonismo da narrativa e isso é claro quando a “teoria do caos” (ou “efeito borboleta”) é mencionada na série.

Em todos os sentidos, *13 Reasons Why* não é uma série sobre “suicídio”, mas sim sobre nosso papel íntimo e singular diante dos rumos da humanidade e como nos esquecemos de amar uns aos outros.

*É jornalista, escritor, filósofo e autor do livro 'O Homem de Duas Cidades' (Amazon)

--	--	--

APÊNDICE A - Episódio 1

Oi, é a Hannah, Hannah Baker. É isso mesmo. Não ajuste seu... o que quer que esteja usando para ouvir isso. Sou eu, ao vivo e em estéreo. Sem promessa de retorno, sem bis.

E, desta vez, sem atender a pedidos. Pega um lanche. Acomode-se. Porque vou contar a história da minha vida. Mais especificamente porque minha vida terminou

Se você está ouvindo essa fita, você é um dos porquês. Não vou dizer que fita conta sua parte da história, mas não tema, se você recebeu essa caixinha adorável, seu nome vai aparecer. Eu prometo.

Enfim as regras são bem simples. Há apenas duas: regra número um, você ouve. Número dois, você passa adiante. Espero que nenhuma seja fácil. Não é para ser fácil, ou eu teria enviado um MP3. Quando terminar de ouvir os 13 lados, porque há 13 lados para cada história. Rebobine as fitas, coloque-as de volta na caixa e passe-as para a próxima pessoa. Ah, e a caixa de fitas deve ter um mapa. Vou mencionar vários locais. Em nossa adorada cidade. Não posso forçá-lo a visitá-los, mas se quiser uma percepção maior, siga as estrelas. Ou jogue o mapa fora, eu nunca vou saber, ou vou?

Sabe, caso esteja pensando em quebrar as regras, saiba que fiz uma cópia dessas fitas, e as deixei com alguém de confiança, que, caso este pacote não passe por todos vocês, vai divulgar essas cópias de um modo muito público. Isso não foi uma decisão momentânea. Não me desvalorize. Não de novo.

Faça o que eu digo. Nem mais, nem menos. Está sendo observado.

Coloque seu dedo no "C", seu outro dedo no "quatro". Aproxime-os. É nossa primeira estrela vermelha.

Já sei. O mapa. Antiquado, de novo. Sem Google Maps, sem aplicativos, sem chance de a internet piorar tudo como sempre faz.

Você chegou à minha primeira casa nesta merda de cidade. Onde dei minha primeira e única festa, E onde conheci Justin Foley, o tema da nossa primeira fita. Era só uma festa. Eu não sabia que era o começo do fim.

Justin, você estava apaixonado pela minha amiga Kat, minha única amiga. Então, foi aí que o problema começou. Aquele sorriso. Aquele maldito sorriso.

--	--	--

--	--	--

A primeira e única Kat se mudou antes do começo das aulas. Ela era o tipo de amiga que não podia ser substituída, nem ao se apaixonar pelo garoto que ela deixou para trás.

Ser namorado da Kat era a única coisa notável sobre você, mas, Justin, você foi minha kriptonita.

Fui auxiliar de escritório no 3º período. Então sabia onde você estava no terceiro período. Decidi até gostar de basquete por você, Justin.

Sei o que estão pensando. Hannah Baker é uma vadia. Ops, reparou nisso? Eu disse "Hannah Baker é". Não posso mais dizer isso.

Sonhei que nosso primeiro beijo aconteceria no parque. Nunca te disse isso. O sonho começa comigo em cima do foguete, segurando o volante. Ainda é um foguete de parquinho. Sempre que viro o volante para a esquerda ou para a direita, as árvores se erguem como se estivessem levantando voo.

E estou assustada porque não sei voar. Mas você está lá embaixo para me pegar quando eu cair.

E é tudo o que aconteceu. Nós nos beijamos. Por quê? Você ouviu outra coisa? Não! Nós só nos beijamos.

Desculpe desapontá-lo, mas acho que agora estamos quites.

Sabe, já ouvi tantas histórias sobre mim, que não sei qual delas é a mais popular. Mas sei qual é a menos popular. A verdade. A verdade nem sempre é a versão mais emocionante das coisas, ou a melhor, ou a pior. É algo no meio. Mas ela merece ser ouvida e lembrada. A verdade sempre aparece, como alguém disse um dia. Ela permanece.

Então, obrigada, Justin.

De verdade. Meu primeiro beijo foi maravilhoso.

O que veio depois do meu primeiro beijo? Não foi tão maravilhoso. Não estou brava porque me traiu. Estou brava porque confiei em você.

Um boato com base em um beijo arruinou uma lembrança que eu queria que fosse especial.

Na verdade, arruinou praticamente tudo...como você já vai ver. Não sai daí, Justin. Ainda não acabei com você. Sei que provavelmente não queria me desapontar. A maioria de vocês que está ouvindo não fazia ideia do que estava fazendo, mas vocês vão descobrir.

Vire a fita para mais.

--	--	--

--	--	--

--	--	--

--	--	--

APÊNDICE B - Episódio 9

Tenho uma pergunta para você, Justin. Não a que você pensa. Não ainda. Qual é a melhor parte do ensino médio? Os ótimos amigos que você faz? O romance?

Não. Nós dois sabemos que a melhor parte do ensino médio... são as férias de verão.

É o botão de reiniciar.

E depois de tudo que aconteceu comigo no segundo ano, eu mal podia esperar por um recomeço... para rasgar o resto das páginas do meu diário e esquecer tudo.

Só que não cheguei muito longe. No trabalho, meu parceiro de crimes de sempre estava passando o verão com os avós. O substituto temporário dele era legal, mas normal demais.

E eu não podia fugir do meu passado.

Eu precisava de uma mudança. Eu precisava ser uma nova pessoa. Já se sentiu assim?

Eu não ia mais ser invisível. Eu ia começar nova em folha. Eu ia cortar meu passado... e deixar tudo para trás.

Eu ia me esforçar mais. Ser mais esperta. E mais forte. Porque você não pode mudar os outros, mas pode mudar a si mesmo.

Parte de mim sabia que eu não devia ir à casa da Jessica. Mas parte de mim não podia evitar parar de pensar em que... ou quem... eu poderia estar perdendo.

Aqui estou, novinha em folha... vivendo a mesma vida de sempre.

Eu pensei que talvez recomeçar não significava que eu precisasse me isolar completamente. Talvez eu estivesse andando com as pessoas erradas. Talvez eu pudesse recomeçar com a pessoa certa. Mas se eu soubesse o que ia acontecer, eu nunca teria entrado por aquela porta.

Se eu soubesse o que aconteceria... o que aquela noite reservava... talvez eu nunca tivesse entrado por aquela porta. Mas festas têm uma mágica estranha. São como um universo alternativo. Elas fazem você acreditar que talvez tudo seja possível.

Talvez você se encaixe, afinal.

Mas ela não sabia... sabia, Justin? Ela não sabia.

E as pessoas não mudam.

Bem-vindo à sua segunda fita, Justin Foley.

Aquela noite, pela primeira vez em muito tempo, eu não me senti invisível. Eu estava nervosa, porque foi tão bom, que eu não queria estragar tudo. Estava tentando agir normalmente. Mas não sabia mais como fazer isso.

--	--	--

--	--	--

Há três histórias para conta sobre aquela noite. Contarei esta [história] primeiro.

--	--	--

--	--	--

Como eu fui parar naquele quarto? Isso é outra história. Mas por enquanto, Justin, você esteve com a mesma garota a noite inteira. E não direi o nome dela... mas se você estava naquela festa, você já sabe quem é.

Percebi duas coisas naquele momento. Primeira, eu estava bêbada. E segunda, aquela garota também estava. Achei que você ia desistir e deixá-la em paz. Pelo menos, esperava que fizesse isso.

Sei o que está pensando. Talvez se essa garota não tivesse bebido tanto, o que aconteceu depois nunca teria acontecido. Mas era uma festa. Todos beberam demais. Além disso, como você pode culpar alguém por algo que aconteceu enquanto estava inconsciente?

Eu tinha que fazer algo. Eu tinha que fazê-lo parar.

Mas eu não conseguia me mexer. Estava escuro lá.

E a música estava alta, mas eu vi o rosto dele. E reconheci a voz dele clara como o dia. Assim como todos reconheceriam. Mas esta fita não é sobre ele.

É sobre você e eu, Justin.

Você o chamava de amigo. Mas sua namorada precisava de você.

Aquela garota teve duas chances aquela noite. Mas nós dois a decepçcionamos. Como posso viver com isso? Como você pode, Justin? Como ela vive com o que aconteceu?

--	--	--

--	--	--

APÊNDICE C - Episódio 12

Aqui estamos. Fita 12. Se ouviu até aqui e não ouviu seu nome, bem, você sabe exatamente o que está por vir. Ou talvez não faça ideia. Isso pode ser verdade? Uma pessoa pode ser tão doente assim? Vamos descobrir.

Mas primeiro, vamos ao começo do pior dia da minha vida.

Eu queria contar tudo ao Clay.

Mas como eu podia contar algo a ele depois daquela noite na festa?

Parecia que não importava o que fizesse, eu sempre decepicionava as pessoas. Comecei a pensar como a vida de todos estaria melhor sem mim.

E como é essa sensação?

A sensação é um nada. Como um vazio, sem fim, um grande nada.

E para aqueles que agora vão procurar por sinais em todos os lugares, como isso realmente se parece?

Esta é a coisa assustadora:

Não se parece com nada. Não foi uma caminhada curta. Andei muito naquela noite. Pelo meu antigo bairro, onde as casas eram melhores do que onde morávamos agora. Subi a colina, onde os ricos moram. Onde você mora. E, de algumas quadras, eu ouvi. A música. O murmúrio de vozes. O chamariz de uma festa.

Você imaginaria que eu não seria atraída por esse chamado depois da festa da Jessica. Mas meus pés seguiram. Meu coração e minha mente ainda estavam com um grande vazio.

Eu fiquei surpresa ao ver a Jessica em outra festa.

Mas fiquei surpresa ao me ver em outra festa.

E não posso explicar, mas ficando lá, sob as estrelas, me senti em paz pela primeira vez em dias.

Na minha opinião, há dois tipos diferentes de morte: se você tiver sorte, tem uma vida longa... e um dia seu corpo para de trabalhar e acabou.

Mas se você não tem sorte, você morre um pouco...de novo e de novo...até que perceba que é tarde demais.

Sei que alguns de vocês podem achar que eu podia ter feito mais, ou devia ter feito mais. Mas eu tinha perdido o controle. E, naquele momento, eu senti que... Eu senti que já estava morta.

Pensei que eu pudesse esquecer o que tinha acontecido.

--	--	--

--	--	--

Graças a você, Bryce, eu finalmente fiz jus à minha reputação.

--	--	--

--	--	--

E eu sabia que eu nunca poderia desfazer aquilo. Mas pensei que pelo menos poderia acertar as coisas.

Então comecei a fazer uma lista, tentando entender exatamente como minha vida tinha dado tão errado. E os nomes surgiram.

A vida é imprevisível, e o controle é só uma ilusão. E, às vezes, toda essa imprevisibilidade é demais.

E faz com que nos sintamos pequenos e impotentes.

E quando eu olhei para trás, e finalmente entendi como tudo aconteceu, decidi que ninguém nunca mais me machucaria.

--	--	--

--	--	--

APÊNDICE D - Episódio 13

Uma última chance. Darei à vida uma última chance.

Eu gravei 12 fitas. Comecei com o Justin. Depois com a Jessica. Eles me magoaram. Alex, Tyler, Courtney, Marcus, eles ajudaram a destruir minha reputação. Depois, Zach e Ryan, que destruíram minha alegria. Até a fita número 12, Bryce Walker, que destruiu minha alma.

Mas algo engraçado aconteceu quando terminei a fita número 12. Eu senti algo mudar. Eu tinha despejado tudo e por um minuto, só por um minuto, eu senti que podia vencer isso. Eu decidi dar mais uma chance à vida. Desta vez, eu ia pedir ajuda, porque sei que não posso fazer isso sozinha. Sei disso agora.

É claro que, se você estiver ouvindo isso, eu fracassei. Ou ele fracassou, e meu destino está selado.

Alguns dias depois de gravar a fita 12, vi o Bryce no corredor.

Achei que nunca poderia mostrar minha cara naquela escola de novo. Tudo estava escuro por dias. E então, um pouco de luz. Um pouco de luz e você pensa que talvez.

Poter: Fiquei feliz por vê-la na minha agenda.

Hannah: Por quê?

Poter: Fiquei feliz que marcou um horário para vir conversar. O que há com você hoje?

Hannah: Bem, acho que tudo.

Poter: Certo... tudo, hein? Tudo é muito. Por que não começamos com como está se sentindo agora?

Hannah: Agora?

Poter: Sim. Agora.

Hannah: Perdida. Acho que... vazia.

--	--	--

--	--	--

Poter: Vazia?

--	--	--

--	--	--

Hannah: Sim, eu não sinto nada. Tipo, não me importo mais.

Poter: Não se importa com o quê?

Hannah: Com nada. A escola. Eu mesma. As pessoas aqui. Meus pais.

Poter: Seus pais?

Hannah: Eu me importo com eles, mas eu não... Não sou quem eles precisam que eu seja.

Poter: Quem eles precisam que você seja?

Hannah: Não um problema.

Poter: Sério? Por que é um problema para eles?

Hannah: Eu não sei.

[Telefone vibra]

Hannah: Pode atender se quiser.

Poter: Não. E seus amigos? Se importa com eles?

Hannah: Amigos? Que amigos?

Poter: Sei que tem amigos. Vejo vocês nos corredores.

Hannah: Sim, bem...

Poter: Jessica Davis, Alex Standall e tenho visto você com a Courtney Crimsen.

--	--	--

--	--	--

Hannah: Eles não são meus amigos.

--	--	--

--	--	--

Poter: E o Clay Jensen?

Hannah: Clay Jensen me odeia.

Poter: Não acho que Clay Jensen a odeie. Não o conheço tão bem, mas ele não parece o tipo que odeia ninguém.

Hannah: É como se nem o que dissesse importasse. Talvez importe. Não sei.

Poter: Certo, não estou entendendo.

Hannah: Quer saber? Esqueça.

Poter: Espere. Não vá embora. Me ajude. Por favor. Quando sair daqui, como gostaria que as coisas fossem diferentes para a Hannah?

Hannah: Não sei. Eu... Não sei o que espero.

Poter: Está bem. Parece que precisa de algo e não está conseguindo. Então, vamos começar aí.

Hannah: Preciso que pare.

Poter: Precisa que o que pare?

Hannah: Preciso que tudo pare. Só... As pessoas. A vida.

Poter: A vida? Hannah, o que quis dizer quando falou que precisava que a vida parasse?

Hannah: Não sei.

Poter: Parece algo muito sério a se dizer.

--	--	--

--	--	--

Hannah: Eu sei. Eu... sinto muito. Eu não quis dizer isso, eu acho.

--	--	--

--	--	--

Poter: O que aconteceu, Hannah? Como chegou aqui?

Hannah: Só... uma coisa depois da outra.

Poter: Para ajudá-la, preciso que seja mais específica.

Hannah: Tenho certeza de que ouviu alguns dos boatos sobre mim.

Poter: Na verdade, não. O que esses boatos dizem?

Hannah: Ano passado, eu fui eleita... na verdade, não eleita... Alguém fez uma lista idiota. "Melhores e piores." E as pessoas reagiram a isso desde então.

Poter: Quando foi a última vez?

Hannah: Há uma semana. Em uma festa.

Poter: O que aconteceu na festa? Houve... Teve um encontro na festa?

Hannah: Um encontro? Sim, podemos dizer assim. Aconteceu... Não quer falar sobre isso, quer?

Poter: Não, eu quero. Ouça, Hannah, não vou julgá-la, mas aconteceu algo naquela noite de que você se arrependeu?

Hannah: Sim.

Poter: Está com vergonha do que aconteceu?

Hannah: Sim.

Poter: Talvez tenha tomado uma decisão?

--	--	--

--	--	--

Hannah: Não, eu...

--	--	--

--	--	--

Poter: Uma decisão de fazer algo com um garoto e agora se arrepende.

Hannah: Meu Deus, não! É isso que está pensando?

Poter: Não, estou perguntando.

Hannah: Eu não tomei uma decisão.

Poter: Está bem. Desculpe. Aconteceu algo na festa que possa ser considerado ilegal?

Hannah: Talvez.

Poter: Álcool?

Hannah: Sim, mas eu não bebi.

Poter: Drogas?

Hannah: Não que eu saiba.

Poter: Ele agiu contra sua vontade?

Hannah: Eu acho que sim.

Poter: Você acha que sim? Mas não tem certeza. Você disse para ele parar?

Hannah: Não.

Poter: Você disse "não" para ele?

Hannah: Não.

--	--	--

--	--	--

Poter: Talvez tenha consentido e depois mudou de ideia.

--	--	--

--	--	--

Hannah: Não, não foi assim!

Poter: Devemos envolver seus pais ou a polícia?

Hannah: Não!

Poter: Hannah, quem é o garoto? Quem é o garoto?

Hannah: Se eu contar, você promete que ele irá para a cadeia? E eu nunca mais vou ter que olhar para ele ou ter que encará-lo?

Poter: Não posso prometer isso, Hannah. Mas prometo o seguinte: farei tudo o que puder para mantê-la segura e para protegê-la neste processo. Mas não posso fazer isso a menos que eu saiba tudo o que aconteceu. Se não puder me dar um nome... se não quiser prestar queixas contra esse garoto... se nem sabe se pode prestar queixas... então só há uma opção.

Hannah: Qual é?

Poter: Não estou tentando ser ríspido, Hannah, mas... você pode seguir em frente.

Hannah: Quer dizer... não fazer nada.

Poter: Ele é da sua turma?

Hannah: Ele está no terceiro ano.

Poter: Significa que ele irá embora em alguns meses.

Hannah: Está brincando comigo?!

--	--	--

--	--	--

Poter: Pode ser muito perigoso acusar alguém de um crime assim. Algo aconteceu, Hannah. E acredito em você. Mas se não confrontá-lo. A única outra opção é seguir em frente.

--	--	--

--	--	--

Hannah: Sim. É o que terei que fazer. Obrigada, Sr. Porter.

Poter: Está bem. Há mais para falar, outros recursos...?

Hannah: Não, acho que resolvemos isso. Preciso seguir em frente e superar.

Poter: Hannah, eu não disse para superar. Mas, às vezes, essa é a única opção.

Hannah: Tem razão. Eu sei.

Poter: Hannah, pode se sentar. Não precisa se apressar.

Hannah: Preciso resolver as coisas. Eu preciso agir para as coisas mudarem.

Poter: Ei, Hannah.

Hannah: A porta dele está fechada.

Ele não vem.

Acho que eu fui bem clara... mas ninguém está agindo para me impedir. Alguns de vocês se importaram. Nenhum se importou o bastante. Nem eu. E eu sinto muito. Então... este é o fim da fita 13.

Não há mais nada a dizer.

--	--	--